



A NOIVA DO

Bastarda



Para meu pai,
que foi o primeiro a saber dos meus
criminosos de Covent Garden,
mas não chegou a conhecê-los.

Grazie mille, Papà.
Ti voglio tanto bene.

Prólogo

O PASSADO



Os três foram trespassados juntos, muito antes de terem consciência; fios de aço sedosos entrelaçados que não podiam ser separados – nem mesmo quando o destino insistia.

Irmãos nascidos no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo minuto, de diferentes mulheres. A cortesã de luxo. A costureira. A viúva do soldado. Nascidos no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo minuto, do mesmo homem.

O pai deles, o duque, cuja arrogância e crueldade o acaso trataria de punir sem hesitação, roubando dele o que mais desejava e o que seu dinheiro e seu poder não podiam comprar: um herdeiro.

Os videntes o alertaram para os Idos de Março, com a ameaça de traição e vingança, de sorte volúvel e providência inalienável. Mas, para esse progenitor – nunca fora mais que isso, nem perto de ser um pai –, foram os Idos de Junho que trouxeram sua ruína.

Porque naquele mesmo dia, naquela mesma hora, naquele mesmo minuto, surgiu uma quarta criança, nascida de uma quarta mulher, uma duquesa. E foi a esse nascimento – que o mundo todo julgou legítimo – que o duque compareceu, mesmo sabendo que a criança que deveria

herdar seu nome, sua fortuna e seu futuro não era dele, mas ainda assim, de algum modo, era sua única esperança.

Mas essa criança era uma menina.

E com seu primeiro bocejo roubou o futuro de todos eles, de tão poderosa que era ela. Mas isso fica para um outro momento.

Esta história começa com os garotos.

Capítulo Um

O PRESENTE



Maio de 1837

Devil parou diante da Casa Marwick, debaixo da ampla sombra de um velho olmo, e observou seu irmão bastardo lá dentro.

O vidro martelado e o tremeluzir das velas distorciam os convidados no salão de baile, transformando a multidão de pessoas – nobres e aristocratas rurais – numa massa de movimento indiscernível, lembrando Devil da maré do Tâmis, subindo e descendo, carregada de cores e odores.

Corpos sem rosto – silhuetas de homens com trajes formais e de mulheres em suas sedas e seus cetins reluzentes – fluíam juntos, quase incapazes de se moverem diante dos olhares curiosos e dos leques agitados que sopravam fofocas e especulações pelo ar estagnado do salão de baile.

No meio de todos, o homem que estavam desesperados para ver – o solitário Duque de Marwick – brilhava como novidade, embora carregasse o título desde a morte de seu pai. Desde que o pai *deles* tinha morrido.

Não. Pai não. Progenitor.

E o novo duque, jovem e atraente, voltou de Londres como o filho pródigo – mais altivo que o restante dos presentes, de cabelo loiro e rosto pétreo, com olhos âmbar que os Duques de Marwick ostentavam há

gerações. Saudável, solteiro e tudo mais que a aristocracia desejava que ele fosse.

E nada do que a aristocracia acreditava que ele fosse.

Devil conseguia imaginar os sussurros alienados que corriam em polvorosa pelo salão de baile.

Por que um homem de tal superioridade banca o solitário?

Quem se importa, quando ele é um duque?

Você acha que os boatos são verdadeiros?

Quem se importa, quando ele é um duque?

Por que ele nunca vem para Londres?

Quem se importa, quando ele é um duque?

E se ele for louco como dizem?

Quem se importa, quando ele é um duque?

Ouvi dizer que ele está querendo um herdeiro.

Foi isso que trouxe Devil das trevas.

Houve um pacto, feito vinte anos antes, quando eles eram irmãos de armas. E, embora muito tivesse acontecido desde então, uma coisa continuava valendo mais do que tudo: ninguém volta atrás em um acordo com Devil.

Não sem que houvesse punição.

E assim, em Londres, Devil aguardava, com infinita paciência, nos jardins de uma residência de gerações de Duques de Marwick, pela chegada de um terceiro que também participara do acordo. Fazia décadas desde que ele e seu irmão, Whit – os dois conhecidos na cidade como os Bastardos Impiedosos – não viam o duque. Décadas desde que tinham escapado da jurisdição do ducado na calada da noite, deixando para trás segredos e pecados, para erguer seu próprio reino, constituído de outros tipos de segredos e pecados.

Mas, duas semanas antes, convites chegaram às casas mais luxuosas de Londres – aquelas com os nomes mais veneráveis –, enquanto criados chegavam à Casa Marwick armados até os dentes de espanadores e cera, ferros de passar e varais. Uma semana antes, caixas foram entregues com velas e vinhos, tomates e tecidos, e meia dúzia de divãs para o imenso salão de baile Marwick, agora adornados com as saias das damas mais atraentes de Londres.

Três dias atrás, o *Notícias de Londres* chegou à sede dos Bastardos em Covent Garden, e nesse jornal, na página quatro, uma manchete em tinta borrada perguntava: “O misterioso Marwick comprometido?”.

Devil tinha dobrado o jornal com cuidado e o deixado na mesa de Whit. Quando ele retornou para trabalhar na manhã seguinte, uma faca fincava o jornal, prendendo-o ao carvalho da mesa.

E assim ficou decidido.

O irmão deles, o duque, tinha voltado, aparecendo sem aviso naquele lugar projetado para os melhores, mas repleto dos piores homens, na propriedade que herdara no momento em que reclamou seu título, em uma cidade que os Bastardos tornaram sua. Ao fazê-lo, Marwick revelou sua ganância.

Mas ganância, naquele lugar, naquela terra, não era permitida.

Assim, Devil aguardou e observou.

Após longos minutos, uma brisa soprou, e Whit apareceu ao seu lado, silencioso e mortal como um reforço militar, o que era adequado, pois aquilo não seria nada menos que uma guerra.

– Bem na hora – Devil disse, com tranquilidade.

Um grunhido.

– O duque procura uma noiva?

O outro assentiu na escuridão.

– E herdeiros?

Silêncio. Não ignorava, sentia apenas raiva.

Devil observou o irmão bastardo se mover em meio à multidão lá dentro, dirigindo-se à extremidade do salão de baile, onde um corredor escuro se alongava até as vísceras da casa. Foi a vez de ele assentir com um movimento de cabeça.

– Vamos acabar com isso antes que comece. – Devil pegou sua bengala de ébano, com a cabeça de leão em prata, gasta pelo uso, que se encaixava perfeitamente em sua mão. – Entrar e sair, causando estrago suficiente para ele não nos seguir.

Whit assentiu, mas não colocou em palavras o que os dois pensavam – que o homem que Londres chamava de Robert, Duque de Marwick, o garoto que eles conheceram como Ewan, era mais animal do que aristocrata, o único homem a chegar perto de superá-los. Mas isso foi antes de Devil e Whit se tornarem os Bastardos Impiedosos, Reis de Covent

Garden, e aprenderem a manusear armas com precisão suficiente para cumprirem suas ameaças.

Naquela noite mostrariam para o duque que Londres era o território deles e o mandariam de volta para o campo. Era só entrar na festa e fazer exatamente isso – lembrá-lo da promessa que tinham feito há muito tempo.

O Duque de Marwick não teria herdeiros.

– Boa caçada. – As palavras de Whit vieram num grunhido baixo, sua voz rouca pela falta de uso.

– Boa caçada – respondeu Devil, e os dois se moveram em oportuno silêncio até a sombra escura de um terraço comprido, sabendo que teriam de agir com rapidez para evitar serem vistos.

Com fluidez elegante, Devil escalou o terraço, pulando sobre o parapeito, pousando em silêncio na escuridão do outro lado, seguido por Whit. Eles foram até a porta, sabendo que a estufa estaria trancada, sem acesso para os convidados, o que a tornava o ponto de entrada perfeito para eles. Os Bastardos usavam trajes formais, preparados para se misturarem na multidão até encontrarem o duque e dispararem seu golpe.

Marwick não seria o primeiro nem o último aristocrata a receber uma punição dos Bastardos Impiedosos, mas Devil e Whit nunca desejaram tanto punir alguém.

A mão de Devil mal tinha pousado na maçaneta da porta quando ela se virou sob seu toque. Ele a soltou instantaneamente, recuando, mesclando-se à escuridão, enquanto Whit se lançava pelo parapeito e aterrissava em silêncio no gramado abaixo.

Então, a garota apareceu.

Ela fechou a porta atrás de si com urgência, apoiando suas costas ali, como se pudesse evitar que a seguissem usando apenas sua força de vontade.

O estranho é que Devil pensou que ela poderia conseguir.

Ela estava tensa, a cabeça apoiada na porta, o longo pescoço pálido sob o luar, o peito arfando quando sua mão solitária e enluvada veio descansar na pele acima do decote, como se ela pudesse acalmar sua própria respiração entrecortada. Anos de observação revelaram que aqueles movimentos eram naturais e espontâneos – ela não sabia que era observada. Ela não sabia que não estava sozinha.

O tecido do vestido cintilou ao luar, mas estava escuro demais para distinguir a cor. Azul, talvez. Verde? A luz deixava-o prateado em alguns pedaços, preto em outros.

Luar. Parecia que ela estava coberta de luar.

A estranha observação ocorreu quando ela foi até o parapeito de pedra, e, por uma louca fração de segundo, Devil pensou em ir em direção à luz para vê-la melhor.

Quer dizer, até ele ouvir o gorjeio baixo e delicado de um rouxinol – Whit alertando-o. Lembrando-o do plano, com o qual a garota não tinha relação alguma. A menos que ela os impossibilitasse de colocá-lo em prática.

Ela não sabia que o pássaro não era um pássaro e virou o rosto para o céu, apoiando as mãos no parapeito de pedra e soltando um longo suspiro, baixando a guarda. Seus ombros relaxaram.

Ela tinha sido forçada a se refugiar ali.

Algo desagradável o agitou diante da ideia de que ela tinha fugido para uma sala escura e saído para um terraço ainda mais escuro, onde aguardava um homem que poderia ser pior do que qualquer coisa de que ela fugia. E então, como um tiro no escuro, ela riu. Devil ficou rígido, os músculos em seus ombros, tensos, e ele apertou o castão de prata de sua bengala.

Ele precisou empregar toda sua força de vontade para não se aproximar dela. Lembrar que tinha esperado por aquele momento durante anos – tanto tempo que mal conseguia se lembrar de quando não estava preparado para combater seu irmão.

Devil não permitiria que uma mulher o tirasse do curso. Ele nem a tinha visto com clareza, mas, ainda assim, não conseguia desviar o olhar.

– Alguém devia dizer para essas pessoas como elas são horríveis – ela disse para o céu. – Alguém devia chegar para a Amanda Fairfax e dizer que ninguém acredita que sua pinta não é real. E alguém devia dizer a Lorde Hagin que ele fede a perfume e faria bem se tomasse um banho. E eu adoraria lembrar Jared da vez em que ele caiu sentado no lago da casa de campo de minha mãe e teve que contar com a *minha* bondade para conseguir roupas secas sem ser visto.

Ela fez uma pausa longa o bastante para Devil pensar que ela tinha parado de conversar com o ar. Mas, de repente, ela continuou.

– E a Natasha precisa ser tão *desagradável*? Isso é o melhor que você pode fazer?

Ele se chocou com essas palavras – este não era o momento de falar com a tagarela solitária do terraço.

Ele chocou mais Whit, e o gorjeio desesperado de rouxinol que se seguiu imediatamente serviu de indício.

Mais que todos, contudo, ele chocou a garota.

Com um gritinho de surpresa, ela se virou para encará-lo, levando a mão a cobrir a pele acima do decote do corpete. Qual era a cor daquele corpete? O luar continuava com seus truques, tornando impossível distingui-la.

Ela inclinou a cabeça e estreitou os olhos, tentando enxergar nas sombras.

– Quem está aí?

– Você me faz perguntar o mesmo, querida, levando em conta que não para de falar.

Os olhos apertados se transformaram em uma careta de escárnio.

– Estava falando comigo mesma.

– E nenhuma de vocês duas conseguiu encontrar um insulto melhor do que *desagradável* para essa Natasha?

Ela avançou um passo na direção dele, depois pareceu pensar duas vezes quanto a se aproximar de um estranho no escuro. Ela parou.

– Como você descreveria Natasha Corkwood?

– Eu não a conheço, então não a descreveria. Mas considerando que você pareceu se divertir ao ridicularizar a higiene de Hagin e ressuscitar constrangimentos passados de Faulk, acredito que Lady Natasha mereça um nível similar de criatividade.

Ela encarou as sombras por um longo minuto, o olhar fixo num ponto em algum lugar além do ombro esquerdo dele.

– Quem é você?

– Ninguém importante.

– Como você está num terraço escuro, do lado de fora de uma sala vazia na casa do Duque de Marwick, me parece que você pode ser um homem de assustadora importância.

– Segundo esse raciocínio, você é uma mulher de assustadora importância.

A risada dela veio alta e inesperada, surpreendendo a ambos. Ela meneou a cabeça.

– Poucos concordariam com você.

– Eu raramente me interesso pela opinião dos outros.

– Então você não deve ser membro da alta sociedade – ela respondeu, irônica. – Pois as opiniões dos outros são como ouro aqui. São excessivamente valorizadas.

Quem é ela?

– Por que você está na estufa?

Ela piscou.

– Como você sabe que é uma estufa?

– É minha ocupação saber de coisas.

– A respeito de casas que não lhe pertencem?

Esta casa quase foi minha, certa vez. Ele resistiu às palavras.

– Ninguém está usando esta sala. Por que você está?

Ela ergueu um ombro. E o deixou cair.

Foi a vez de Devil escarnecer.

– Veio se encontrar com um homem?

– Perdão? – Ela arregalou os olhos.

– Varandas escuras são excelentes para encontros românticos.

– Não entendo disso.

– De varandas? Ou de encontros românticos? – Não que ele se importasse com a resposta.

– Sinceramente, de nenhuma dessas coisas.

Ele não deveria ter sentido satisfação com a resposta.

– Você acreditaria se eu falasse que gosto de estufas? – ela continuou.

– Não – ele disse. – Além do mais, a estufa está proibida para os convidados.

– É mesmo? – ela inclinou a cabeça.

– A maioria das pessoas entende que salas escuras são proibidas.

Ela fez um gesto de pouco caso.

– Não sou muito inteligente. – Devil também não acreditou nisso. – Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, sabe.

– Qual? – Ele não gostou do modo como ela torcia a conversa à volta deles, levando-a em sua direção.

– Você está aqui para um encontro romântico?

Por um momento fugaz e louco, ele teve a visão do encontro que poderiam ter ali, naquele terraço escuro no calor do verão. Do que ela permitiria que ele lhe fizesse enquanto metade de Londres dançava e fofocava pouco distante dali.

Do que ele permitiria que ela lhe fizesse.

Ele se imaginou erguendo-a e colocando-a sobre o parapeito, descobrindo a sensação da pele dela, do aroma. Descobrindo os sons que ela faria ao sentir prazer. Ela gemeria? Gritaria?

Ele congelou. Aquela moça, com seu rosto comum e seu corpo vulgar, que falava sozinha, não era o tipo de mulher que Devil costumava imaginar possuindo contra a parede. O que estava acontecendo com ele?

– Vou tomar seu silêncio como um sim, então. E deixá-lo para que continue com seu encontro, meu senhor. – Ela começou a se afastar dele, seguindo pelo terraço.

Ele deveria deixá-la ir.

Mas ele a chamou.

– Não há encontro algum.

O rouxinol gorjeou de novo. Mais apressado e alto que antes. Whit estava aborrecido.

– Então por que você está aqui? – ela perguntou.

– Talvez pela mesma razão que você, querida.

Ela fez uma careta.

– É difícil acreditar que você seja uma solteirona que foi empurrada para a escuridão depois de ser rejeitada por aquelas que um dia chamou de amigas.

Então ele estava certo. Ela tinha sido forçada a se refugiar ali.

– Preciso concordar. Não me pareço com nada disso.

Ela apoiou as costas no parapeito.

– Saia para a luz.

– Receio que não possa fazer isso.

– Por quê?

– Porque eu não deveria estar aqui.

Ela deu de ombros.

– Eu também não.

– Você não deveria estar no *terraço*. Eu não deveria estar na *propriedade*. Os lábios dela formaram um pequeno “O”.

– Quem é você? – ela perguntou.

Ele ignorou a pergunta.

– Por que você é uma solteirona? – Não que isso importasse.

– Não me casei.

Ele resistiu ao impulso de sorrir.

– Eu mereci isso.

– Meu pai diria para você ser mais específico com suas perguntas.

– Quem é seu pai?

– Quem é o seu?

Ela não era a mulher menos obstinada que ele conhecia.

– Eu não tenho pai.

– Todo mundo tem um pai – ela disse.

– Não um que se importem em reconhecer – ele disse com uma calma que não sentia. – Então nós voltamos ao início. Por que você é uma solteirona?

– Ninguém quer se casar comigo.

– Por que não?

A resposta honesta foi instantânea.

– Eu não... – Ela parou, levantando e espalmando a mão, e ele teria dado toda sua fortuna para ouvir o resto, ainda mais depois que ela começou de novo, contando as razões nos longos dedos enluvados. – Estou encalhada.

Ela não parecia velha.

– Sou comum.

Ele tinha pensado em comum, mas ela não era. Não mesmo. Na verdade, talvez fosse o oposto disso.

– Desinteressante.

Isso absolutamente não era verdade.

– Fui rejeitada por um duque.

Ainda não era toda a verdade.

– E esse é o problema?

– Exato – ela disse. – Mas me parece injusto, pois o duque em questão nunca teve a intenção de se casar comigo.

– Por que não?

– Ele estava loucamente apaixonado pela esposa.

– Que infelicidade.

Ela lhe deu as costas, voltando a olhar para o céu.

– Não para ela.

Em toda sua vida, Devil nunca quis tanto se aproximar de alguém. Mas ele permaneceu nas sombras, encostado na parede, observando-a.

– Se existem todos esses motivos para não se casarem com você, por que desperdiça seu tempo aqui?

Ela soltou uma risadinha, o som baixo e encantador.

– O senhor não sabe? O tempo de uma mulher solteira é bem empregado se passado perto de cavalheiros solteiros.

– Ah, então você não desistiu de um marido.

– A esperança é a última que morre – ela disse.

Ele quase riu ao ouvir o ditado. Quase.

– E então?

– Está difícil, pois agora minha mãe tem exigências severas para qualquer pretendente.

– Por exemplo?

– Que o coração esteja batendo.

Ele riu disso, uma risada solitária, áspera, que o deixou chocado.

– Com padrões tão elevados, não é surpresa que esteja com tantas dificuldades.

Ela sorriu, os dentes brancos brilhando sob o luar.

– É de admirar que o Duque de Marwick não tenha dado cambalhotas para me conquistar. Eu sei.

A lembrança de seu propósito ali foi instantânea e desagradável.

– Você está atrás de Marwick. – *Por cima do meu cadáver putrefato.*

Ela fez um gesto de pouco caso.

– Minha mãe está, assim como todas as outras mães de Londres.

– Dizem que ele é louco – Devil observou.

– Só porque as pessoas não conseguem imaginar por que alguém escolheria viver fora da sociedade.

Marwick vivia fora da sociedade porque há muito tempo tinha feito um pacto de nunca viver dentro dela. Mas Devil não revelou isso.

– Elas mal o conhecem.

– Elas conhecem o título dele, meu senhor. – Ela sorriu como se dissesse uma verdade evidente. – E ele é atraente como o pecado. Um duque solitário ainda faz uma duquesa, afinal.

– Isso é ridículo.

– É o mercado do casamento. – Ela fez uma pausa. – Mas isso não importa. Eu não sirvo para ele.

– Por que não? – Devil não se importava.

– Porque eu não sirvo para duques.

Por que diabos não?

Ele não enunciou a pergunta, mas ela respondeu assim mesmo, tranquila, como se estivesse conversando com outras ladies durante o chá.

– Houve um tempo em que pensava que servia – ela explicou, mais para si mesma do que para ele. – E então... – Ela deu de ombros. – Não sei o que aconteceu. Imagino que todas aquelas coisas. Comum, desinteressante, cada vez mais velha, invisível, solteirona. – Ela riu da lista de palavras. – Acho que eu não deveria ter perdido tempo, pensando que encontraria um marido, pois isso não aconteceu.

– E agora?

– E agora – ela disse, a voz com tom de resignação – minha mãe procura alguém cujo coração bata.

– E você, o que procura?

O rouxinol de Whit gorjeou na escuridão, e ela respondeu após esse som.

– Ninguém nunca me perguntou isso.

– E então... – ele a incitou, sabendo que não devia. Sabendo que devia deixar a garota no terraço, bem como qualquer que fosse o futuro dela.

– Eu... – Ela olhou para a casa, para a estufa escura e o corredor além, para o salão de baile a distância. – Eu queria ser parte de tudo isso outra vez.

– Outra vez?

– Houve uma época em que eu... – ela começou, mas parou. Meneou a cabeça. – Não importa. Você tem coisas mais importantes para fazer.

– Tenho, mas como não posso fazê-las enquanto está aqui, milady, sinto-me mais do que disposto a ajudá-la a organizar seus pensamentos.

Ela sorriu ao ouvi-lo.

– Você é engraçado.

– Ninguém, em toda a minha vida, concordaria com você.

O sorriso dela ficou maior.

– Eu raramente me interesso pela opinião dos outros – ela disse.

Ele não deixou de notar a citação de suas próprias palavras, ditas pouco antes.

– Não acredito nisso nem por um segundo.

Ela deu de ombros.

– Houve um tempo em que eu fazia parte de tudo isso. Eu era incrivelmente popular. Todo mundo queria me conhecer.

– E o que aconteceu?

Ela espalmou as mãos de novo, um movimento que começava a se tornar familiar.

– Eu não sei.

– Você não sabe o que a tornou invisível? – Ele arqueou uma sobrancelha.

– Não – ela murmurou, a voz triste e confusa. – Eu nem vi acontecer. Então, um dia – ela deu de ombros –, lá estava eu. Transparente. Então, quando você me perguntou o que procuro...

Ela se sentia solitária. Devid entendia de solidão.

– Você quer voltar.

Ela soltou uma risada curta, desesperançada.

– Ninguém consegue voltar. Não sem um casamento que faça história.

– O duque. – Ele concordou com a cabeça.

– É o sonho de qualquer mãe.

– É o seu?

– Eu quero voltar. – Outro alerta gorjeado por Whit, e a mulher olhou por sobre o ombro. – Esse é um rouxinol muito persistente.

– Ele está irritado.

Ela inclinou a cabeça para o lado, curiosa, mas como ele não se explicou, ela perguntou:

– Você não vai me contar quem é?

– Não.

– É melhor assim, eu acho. – Ela consentiu com a cabeça. – Saí para ter um momento tranquilo, longe dos sorrisos de desdém e dos comentários maldosos. – Ela apontou para a outra extremidade do terraço, a parte mais iluminada. – Eu vou até lá procurar um bom lugar para me esconder. Você pode voltar a se esgueirar por aí, se quiser.

Ele não respondeu, sem saber o que dizer. Sem confiar em si mesmo para dizer o que deveria.

– Não vou dizer a ninguém que vi você – ela acrescentou.

– Você não me viu – ele disse.

– Então teremos o benefício adicional de essa ser a verdade – ela observou.

O rouxinol outra vez. Whit não confiava em Devil com aquela mulher.

E talvez não devesse mesmo.

Ela fez uma pequena mesura.

– Bem, vai se lançar aos seus atos nefastos, então?

O movimento dos músculos ao redor dos lábios dele era desconhecido. Um sorriso. Ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha sorrido. Aquela estranha mulher tinha despertado isso nele, como uma feiticeira.

Ela se foi antes que ele pudesse responder, suas saias desaparecendo ao virar, em direção à luz. Ele precisou de toda sua força para não a seguir e vê-la melhor – a cor de seus cabelos, o tom de sua pele, o brilho de seus olhos.

Ele ainda não tinha certeza da cor do vestido dela.

Tudo que ele precisava fazer era segui-la.

– Dev.

Seu nome o devolveu ao presente. Ele olhou para Whit, mais uma vez no terraço e ao seu lado nas sombras.

– Agora – Whit disse. Estava na hora de retomar o plano. De procurar o homem que ele tinha jurado matar se algum dia colocasse os pés em Londres. Se tentasse reivindicar aquilo que tinha roubado. Se pensasse em quebrar o juramento de décadas atrás.

E Devil acabaria com ele. Mas não seria com as mãos.

– Vamos – Whit sussurrou. – Agora.

Devil meneou a cabeça uma vez, o olhar fixo no lugar onde a saia misteriosa da mulher tinha desaparecido.

– Não. Ainda não.

Capítulo Dois



O coração de Felicity Faircloth estava batendo tão acelerado, por tanto tempo, que ela pensou que talvez precisasse de um médico.

Começou a bater ainda mais rápido quando ela escapuliu do cintilante salão de baile da Casa Marwick e fitou a porta trancada à sua frente, ignorando o desejo quase insuportável de extrair um grampo de seu penteado.

Ela sabia que não devia extrair um grampo e que, de modo algum, devia extrair dois – muito menos inseri-los no buraco de fechadura a quinze centímetros de distância, nem trabalhar pacientemente nas tranquetas da fechadura.

Não conseguiremos bancar outro escândalo.

Ela ouviu as palavras de seu irmão gêmeo Arthur como se ele estivesse parado ao lado dela. Pobre Arthur, desesperado para que a irmã solteirona – 27 anos e encalhada numa ilha distante – fosse entregue aos cuidados de outro homem, mais disposto. Pobre Arthur, cujas preces nunca seriam atendidas – nem mesmo se ela parasse de arrombar fechaduras.

Mas ela ouviu, ainda mais alto, as outras palavras. Os comentários jocosos. Os nomes. *Felicity Fugidia, Felicity Infrutífera*. E o pior de todos... *Felicity Fracassada*.

O que ela está fazendo ali?

Com certeza ela não acredita que alguém possa querê-la.

Seu pobre irmão, desesperado para casá-la.

...Felicity Fracassada.

Houve um tempo em que uma noite como esta teria sido o sonho de Felicity – um novo duque na cidade, um baile de boas-vindas, a possibilidade empolgante de um compromisso com um homem atraente e disponível. Teria sido perfeito. Vestidos, joias, orquestras, fofocas, conversas, passos de dança e muita champanhe. Felicity mal teria descanso, e, se tivesse, seria porque tinha reservado um tempo para si mesma, para poder apreciar aquele lugar de um mundo coruscante.

Não mais.

Agora ela evitava bailes quando podia, sabendo que estes ofereciam horas de sofrimento, em que ela ficava pelos cantos do salão em vez de dançar por todo o espaço. E havia o profundo constrangimento quando encontrava uma de suas antigas conhecidas. A lembrança de como era rir com elas. Bancar a superior com elas.

Mas não havia como evitar um baile em que um novo duque se apresentaria, e assim ela se enfiou num antigo vestido e na carruagem do irmão e permitiu que o pobre Arthur a arrastasse para o salão de baile da Casa Marwick. Mas, na primeira desatenção do irmão, ela conseguiu escapar.

Felicity fugiu por um corredor escuro, seu coração disparado enquanto removia os grampos do penteado, dobrava-os com cuidado e inseria um, depois o outro, no buraco da fechadura. Quando ouviu o *clique* suave e a tranca saltou, seu coração ameaçava pular para fora do peito.

E pensar que todo esse sobressalto aconteceu antes mesmo de ela conhecer aquele homem.

Embora *conhecer* não parecesse a palavra correta.

Encontrar também não parecia muito preciso.

Aquilo era algo como uma *experiência*. No momento em que ele falou, o ritmo grave de sua voz a envolveu como seda no ar escuro de verão, como a tentação de um pecado.

Um calor subiu pela sua face com a lembrança do modo como ele parecia atraí-la para si, como se estivessem conectados por um fio. Como se ele pudesse puxá-la para perto – e ela iria, sem resistir. Ele havia feito mais

do isso. Aquele homem tinha resgatado a verdade de dentro dela, a qual Felicity mostrou sem hesitar.

Ela listou seus defeitos como se fossem itens de um catálogo. Quase confessou tudo, mesmo as partes que nunca tinha dito a ninguém. As que ela mantinha dentro de si, mas no escuro. No entanto a sensação não foi de uma confissão. Parecia que ele já sabia de tudo. E talvez soubesse mesmo. Talvez não fosse um homem no escuro. Talvez ele fosse a própria escuridão. Efêmero, misterioso e tentador – muito mais atraente do que a claridade do dia, em que os defeitos, as imperfeições e os fracassos brilham e é impossível os ocultar.

A escuridão sempre a atraiu. As fechaduras. As barreiras. O improvável.

Esse era o problema, não? Felicity sempre quis o impossível. E ela não era o tipo de mulher que aceitava isso.

Mas e quando aquele homem misterioso sugeriu que ela fosse uma mulher importante? Por um momento, ela acreditou nele. Como se não fosse ridícula a simples ideia de que Felicity Faircloth – a filha solteira e sem graça do Marquês de Bumble, desprezada por mais do que um solteiro cobiçado em razão de sua própria má sorte e totalmente incompatível com aquele baile, onde um atraente duque há muito tempo sumido procurava uma esposa – pudesse sair vitoriosa.

O impossível.

E assim ela fugiu, retomando seus velhos hábitos e caindo na escuridão porque tudo parecia mais possível no escuro do que sob a luz fria e dura.

E ele tinha tentado descobrir isso também, aquele estranho. Ela quase não o deixou só nas sombras. Ela quase se juntou a ele na escuridão. Porque naqueles momentos, poucos e fugazes, Felicity imaginou que talvez não fosse para este mundo que desejava voltar, mas sim que quisesse procurar um mundo novo, escuro, onde pudesse recomeçar do zero. Onde pudesse ser alguém diferente de Felicity Faircloth, a solteirona invisível. E o estranho no terraço pareceu ser o tipo de homem que poderia lhe fornecer isso.

O que era loucura, óbvio. Ninguém fugiria com homens estranhos que conhece num terraço. Em primeiro lugar, era assim que alguém poderia ser assassinado. Segundo, sua mãe *nunca* aprovaria. E ainda havia Arthur. O perfeito, o sério e pobre Arthur, com seu *Nós não vamos suportar outro escândalo*.

Assim, ela fez o que qualquer mulher faria após um instante de insanidade no escuro: deu as costas para o pecado e foi em direção à luz, ignorando a pontada de arrependimento quando virou à esquerda, distanciando-se da grande fachada de pedra, e entrou no brilho do salão de baile, iluminando para além das imensas janelas, onde toda Londres saltitava e dançava, rindo e fofocando e buscando a atenção de seu atraente e misterioso anfitrião.

Onde o mundo do qual já tinha feito parte rodopiava sem ela.

Ela assistiu à cena por um longo momento, vendo de relance o Duque de Marwick na outra ponta do salão, alto, belo e empiricamente atraente, com uma boa e aristocrática aparência que deveria ter feito com que suspirasse, mas que, na verdade, não produziu impacto nela.

Seu olhar deslizou do homem do momento para o brilhante cabelo acobreado de seu irmão, do outro lado do salão, onde conversava, concentrado, com um grupo de homens mais sérios que o entorno. Felicity imaginou o que eles estariam discutindo – seria sobre ela? Estaria Arthur tentando vender para outro grupo de homens as qualidades de Felicity, a Fracassada?

Nós não vamos suportar outro escândalo.

Eles também não podiam suportar o último. Ou o anterior. Mas a família dela não queria admitir isso. E lá estavam eles, no baile de um duque, fingindo que a verdade não era a verdade. Fingindo que tudo era possível.

Recusando-se a acreditar que a comum, a imperfeita e a rejeitada Felicity nunca iria conquistar o coração, a mente e – o mais importante – a *mão* do Duque de Marwick, não importava que tipo de rico solitário potencialmente atordoado ele fosse.

Contudo, houve um tempo em que ela poderia tê-lo conquistado. Em que um duque eremita poderia ter caído de joelhos e implorado para que Lady Felicity reparasse nele. Bem, talvez não caído de joelhos e implorado, mas ele teria dançado com ela. E ela o teria feito rir. E talvez... eles tivessem gostado um do outro.

Mas isso foi antes de ela sequer ter sonhado em olhar para a sociedade de fora – quando ela nunca tinha ao menos imaginado que a sociedade *tinha* um lado de fora. Ela vivia dentro, afinal, era jovem, casadoura, aristocrática e interessante.

Ela tinha dezenas de amigas e centenas de conhecidas, recebia inúmeros convites para visitas, festas e passeios ao longo do rio Serpentine. Nenhuma reunião era digna de nota, a menos que ela e as amigas estivessem presentes. Ela nunca ficava sozinha.

E então... isso mudou.

Um dia, o mundo parou de brilhar. Ou, mais precisamente, *Felicity* parou de brilhar. Suas amigas se distanciaram e, pior, deram-lhe as costas, sem nem tentar disfarçar o desdém. Elas tinham prazer em ignorá-la. Como se *Felicity* não tivesse sido uma delas. Como se nunca tivessem sido amigas.

Ela imaginava que não tivessem sido, mesmo. Como não tinha percebido? Como ela não tinha visto que essas pessoas não a queriam de verdade?

E a pior de todas as perguntas – *por que* não a queriam?

O que ela tinha feito?

Felicity Fugaz, de fato.

A resposta não importava mais – fazia tanto tempo que ela duvidava que alguém lembrasse. O que importava agora era que quase ninguém reparava nela, exceto para olhá-la com pena ou indiferença.

Afinal, ninguém gostava menos de uma solteirona do que o próprio mundo que a tinha criado.

Felicity, certa vez um diamante da aristocracia (bem, não um diamante, mas talvez um rubi. Com certeza uma safira – filha de um marquês com bom dote), havia se tornado uma verdadeira solteirona, com um futuro de toucas de renda e convites feitos por pena.

Se pelo menos ela se casasse, Arthur gostava de dizer, ela conseguiria evitar um futuro sombrio.

Se pelo menos ela se casasse, sua mãe gostava de dizer, eles conseguiriam evitar um futuro sombrio. Afinal, embora a solteirice fosse constrangedora para *Felicity*, era um distintivo vergonhoso para a mãe – especialmente para uma mulher que tinha se saído tão bem ao se casar com um marquês.

E assim, a família Faircloth ignorava a solteirice de *Felicity*, disposta a fazer qualquer coisa para lhe arrumar um casamento decente. Ignorava, também, a verdade sobre os desejos dela – aqueles que o homem no escuro colocou à prova.

Na verdade, Felicity queria a vida que lhe tinha sido prometida. Ela queria ser parte daquilo outra vez. E, se não pudesse ter tal vida, que, francamente, sabia que não poderia – ela não era tola, afinal –, queria mais do que um casamento de consolação. Esse era seu problema. Ela sempre quis mais do que podia ter.

E era isso que a deixava com nada, não é mesmo?

Felicity soltou um suspiro impróprio para uma lady. Seu coração já não martelava com tanto vigor. Ela imaginou que fosse algo positivo.

– Será que consigo ir embora sem ninguém perceber?

As palavras mal tinham deixado sua boca quando a imensa porta de vidro do salão de baile foi aberta, liberando meia dúzia de convivas com sorriso nos lábios e champanhe nas mãos.

Foi a vez de Felicity fugir para as sombras, encostando-se na parede enquanto os outros chegavam ao parapeito de pedra, ofegantes e empolgados. Ela os reconheceu.

É claro.

Eles eram Amanda Fairfax e o marido, Matthew – Lorde Hagin –, Jared – Lorde Faulk – e sua irmã mais nova, Natasha, mais duas pessoas – outro casal, jovem, loiro e cintilante, como um brinquedo novo. Amanda, Matthew, Jared e Natasha gostavam de aliciar novos seguidores. Afinal, certa vez já haviam aliciado Felicity.

Ela tinha sido a quinta daquele quarteto. Amada, até não ser mais.

– Frio ou não, Marwick é terrivelmente atraente – Amanda disse.

– E rico – Jared observou. – Ouvi dizer que ele decorou a casa toda na semana passada.

– Ouvi a mesma coisa – Amanda disse com uma empolgação ofegante.

– E também ouvi que ele está circulando pelas salas de chá das anciãs.

– Se isso não faz do homem suspeito, não sei o que faz – grunhiu Matthew. – Quem quer tomar chá com um bando de viúvas?

– Um homem que precisa de uma noiva – respondeu Jared.

– Ou um herdeiro – sugeriu Amanda, pensativa.

Matthew pigarreou.

– Esposa – ele disse, e o grupo todo riu, fazendo Felicity lembrar, por uma fração de segundo, como era fazer parte das brincadeiras e dos gracejos. Parte daquele mundo supostamente brilhante.

– Ele tinha que se encontrar com as viúvas para conseguir que Londres viesse esta noite, certo? – interveio a terceira mulher do grupo. – Sem a aprovação delas, ninguém teria vindo.

Houve um instante de silêncio antes de o quarteto rir, o som indo da camaradagem à crueldade. Jared se inclinou para frente e deu um peteleco no queixo da jovem loira.

– Você não é muito inteligente, é?

Natasha bateu no braço do irmão e fingiu que o repreendia.

– Jared. Ora essa. Você não espera que Annabelle saiba como funciona a aristocracia? Ela se casou tão acima do nível dela que essa garota de sorte nunca precisou saber dessas coisas!

Antes que Annabelle entendesse totalmente o insulto das palavras mordazes, Natasha se aproximou e falou, alto e devagar, como se a pobre jovem fosse incapaz de compreender os conceitos mais simples:

– Todo mundo teria vindo ver o duque, querida. Ele poderia ter aparecido nu que todos nós dançaríamos alegremente ao redor dele, fingindo não notar a nudez.

– Do jeito que todo mundo fez o homem parecer louco – Amanda interveio –, acho que imaginávamos mesmo que ele poderia aparecer nu.

O marido de Annabelle, herdeiro do Marquês de Wapping, pigarreou e tentou ignorar o insulto à esposa.

– Bem, ele já dançou com uma dúzia de ladies esta noite. – Ele olhou para Natasha. – Incluindo você, Lady Natasha.

O resto do grupo soltou risadinhas, e Natasha ficou envaidecida – quer dizer, menos Annabelle, que olhou feio para o marido risonho. Felicity achou a reação muito gratificante, pois o marido em questão certamente merecia qualquer punição que sua esposa lhe reservasse por não sair em sua defesa.

E agora era tarde demais.

– Ah, sim – Natasha dizia, parecendo um gato que pegou o canário. – E preciso acrescentar que ele é um interlocutor brilhante.

– É mesmo? – Amanda perguntou.

– Com certeza. Não tem nada de louco.

– Que interessante, Tasha – Matthew respondeu como quem não quer nada, bebendo seu champanhe para fazer uma pausa dramática. – Pois assistimos à dança toda, e ele não pareceu falar com você nem uma vez.

O resto do grupo debochou de Natasha, e ela ficou vermelha.

– Bem, estava claro que ele *desejava* falar comigo.

– Brilhante, de fato – o irmão provocou, fazendo um brinde com seu champanhe.

– *E* – Natasha continuou –, ele me segurou bem apertado. Dava para dizer que o duque estava resistindo ao impulso de me aproximar mais do que seria decente.

– Oh, sem dúvida – Amanda fez uma careta de deboche, sua descrença evidente.

Natasha revirou os olhos, e o resto do grupo riu. Quer dizer, o resto do grupo menos um.

Jared, Lorde Faulk, estava ocupado demais olhando para Felicity.

Droga.

O olhar dele estava carregado de um apetite e um deleite que embrulharam o estômago dela com nós de marinheiro. Felicity tinha visto aquela expressão centenas de vezes antes. Ela ficava sem respirar quando acontecia, porque significava que ele estava para alfinetar alguém com sua ironia maldosa. Nesse momento, ela ficou sem respirar por um motivo diferente.

– Ora essa! Eu pensei que Felicity Faircloth tinha ido embora há muito tempo.

– Eu pensei que nós a tínhamos feito ir – Amanda disse, sem ver o que Jared via. – Honestamente. Na idade dela e sem amigos para conversar, era de se pensar que ela não iria mais a bailes. Ninguém quer uma solteirona vagando pelos cantos. É deprimente demais.

Amanda sempre teve a notável habilidade de fazer suas palavras cortarem como o vento de inverno.

– Mas aqui está ela – Jared pronunciou com escárnio, apontando a mão na direção de Felicity. O grupo todo se virou devagar, como numa horrível cena ensaiada, um sexteto de debochados; quatro membros bem-treinados e dois um pouco constrangidos. – Escondida nas sombras, ouvindo a conversa dos outros.

Amanda procurou um ponto em uma de suas luvas verde-água.

– *Sério*, Felicity. Que *aborrecimento*. Não existe mais ninguém que você possa espreitar?

– Quem sabe algum lorde incauto cujo quarto você queira conhecer? – disse Hagin, sem dúvida se achando muito inteligente.

Mas ele não era, embora o grupo parecesse não notar, com suas risadinhas e ar superior. Felicity odiou a onda de calor que se espalhou por seu rosto, uma combinação de humilhação pelo comentário deles e de vergonha por seu passado – pelo modo como ela também costumava debochar dos outros.

Ela apertou as costas contra a parede, desejando que pudesse desaparecer nela.

O rouxinol que tinha ouvido antes gorjeou outra vez.

– Pobre Felicity – Natasha disse para o grupo, a falsa compaixão de sua voz arranhando a pele de Felicity. – Sempre desejando ter alguma importância.

E foi assim, com aquela simples palavra – *importância* –, que Felicity percebeu que tinha aturado demais. Ela saiu para a luz, os ombros para trás e a coluna ereta, e encarou com seu olhar mais frio a mulher que um dia considerou sua amiga.

– Pobre Natasha – ela disse, imitando o tom de voz da outra. – Ora, você acha que eu não a conheço? Eu conheço você melhor do que qualquer um aqui. Solteira como eu. *Sem graça* como eu. Com pavor de ficar encalhada. Como eu tenho. – Natasha arregalou os olhos ao ouvi-la. Felicity preparou o golpe de misericórdia, desejando punir exemplarmente aquela mulher; uma dama que tinha atuado tão bem ao bancar sua amiga, para então machucá-la tanto. – E, quando estiver encalhada, esta turma não vai mais aceitar você.

O rouxinol trinou outra vez. Não. Não o rouxinol. Era um tipo diferente de trinado, baixo e longo. Ela nunca tinha ouvido um pássaro como aquele.

Ou talvez tenha sido o tamborilar de seu coração que tornou o som estranho. Entusiasmada, ela se virou para as mais novas adições ao grupo, cujos olhos arregalados estavam fixos nela.

– Vocês sabem, minha avó costumava me alertar para ter cuidado. Ela gostava de dizer que dá para julgar uma pessoa pelos amigos com que anda. Esse adágio é mais que verdadeiro com este grupo. E vocês deveriam ter cuidado para não se mancharem com a sujeira deles. – Ela se virou para a porta. – Eu me considero com sorte por ter escapado quando tive chance.

Ao se dirigir à entrada do salão de baile, bastante orgulhosa de si mesma por ter enfrentado aquelas pessoas que a consumiam há tanto tempo, palavras ecoavam dentro dela:

Você é uma mulher de assustadora importância.

Um sorriso brincou em seus lábios com a lembrança.

De fato. Ela era mesmo.

– Felicity? – Natasha chamou-a quando ela chegou à porta. Felicity parou e se virou. – Você não escapou de nós – estrilou a ex-amiga. – Nós é que expulsamos você.

Natasha Corkwood era tão... tão desagradável.

– Nós não a queríamos mais e jogamos você fora – Natasha acrescentou, as palavras frias e cruéis. – Do mesmo jeito que todo mundo fez. Como todo mundo sempre vai fazer. – Ela se virou para a festa com uma gargalhada alegre demais. – E aqui está ela, achando que tem condições de disputar um duque!

Tão desagradável.

Isso é o melhor que você pode fazer?

Não. Não era.

– O duque que *você* pretende conquistar, certo?

Natasha deu um sorriso de escárnio.

– O duque que eu *vou* conquistar.

– Receio que seja tarde demais para você – Felicity disse, as palavras saindo sem hesitação.

– E isso por quê? – Foi Hagin quem perguntou. Hagin, com o rosto pretensioso, o perfume tóxico e o cabelo de príncipe de conto de fadas. A pergunta foi feita num tom de absoluta superioridade, como se falar com ela fosse uma concessão da parte dele.

Como se todos eles não tivessem sido amigos um dia.

Depois, ela culparia a lembrança dessa amizade por sua resposta. A evocação da vida que ela tinha perdido num instante, sem entender por quê. A devastadora tristeza disso tudo. O modo como foi catapultada para a ruína.

Afinal, deveria haver algum motivo para ela dizer o que disse, considerando o fato de que era pura idiotice. Absoluta loucura.

Uma mentira tão grande que eclipsava sóis.

– Está tarde demais para você conquistar o duque – Felicity repetiu, sabendo, ainda enquanto falava, que precisava se calar. Só que as palavras eram cavalos em disparada; soltas, livres e *selvagens*. – Porque eu já o conquistei.

Capítulo Três



A última vez que Devil esteve dentro da Casa Marwick foi na noite em que conheceu seu pai.

Ele tinha dez anos, velho demais para continuar no orfanato onde tinha passado toda sua vida. Devil tinha ouvido boatos a respeito do que acontecia com garotos que não eram adotados. Ele tinha se preparado para fugir, pois não queria enfrentar o reformatório, onde, de acordo com os rumores, provavelmente morreria e ninguém encontraria seu corpo.

Devil tinha acreditado nessas histórias.

Toda noite, sabendo que era questão de tempo até o expulsarem do orfanato, ele empacotava suas coisas – um par de meias grandes demais que tinha surrupiado da lavanderia; uma casca de pão ou um biscoito duro tirado do lanche da tarde; um par de luvas desgastadas, com furos demais para manter as mãos aquecidas por muito tempo; e o pequeno alfinete dourado que prendia suas fraldas quando ele foi encontrado, bebê, espetado num bordado que ostentava um magnífico M vermelho. O alfinete há muito tinha perdido a tinta, restando apenas a lata, e o tecido, que um dia tinha sido branco, ficou cinza da sujeira dos dedos dele. Mas isso era tudo que Devil tinha do seu passado e a única fonte de esperança para seu futuro.

A cada noite, ele deitava no escuro absoluto, ouvindo os sons de choro dos outros garotos, contando os passos para ir do seu estrado até o corredor, e deste até a porta. Para fora, para a noite. Ele era excelente para escalar e tinha decidido ir pelos telhados em vez de pelas ruas. Assim seria menos provável que o encontrassem, caso decidissem persegui-lo.

Embora parecesse improvável que o fizessem.

Sempre pareceu improvável que alguém fosse querê-lo.

Ele ouviu os passos ecoando no corredor. Estavam vindo pegá-lo, para levá-lo ao reformatório. Ele rolou para o lado do estrado, agachando-se enquanto recolhia suas coisas, depois foi até a parede, onde ficou colado junto à porta.

A fechadura estalou, e a porta foi aberta, revelando um fio de luz de vela – nunca vista no orfanato depois de escurecer. Ele disparou a correr, passando por dois pares de pernas, chegando à metade do corredor antes que uma mão forte pousasse em seu ombro e o levantasse do chão.

Ele esperneou e gritou, esticando o pescoço para morder aquela mão.

– Bom Deus, este é selvagem – uma profunda voz de barítono entoou, e Devil ficou absolutamente imóvel com o som. Ele nunca tinha ouvido alguém falar um inglês tão perfeito, tão bem-pronunciado. Ele parou de tentar morder, virando-se para ver o homem que o segurava – alto como uma árvore e mais limpo do que qualquer um que Devil tivesse visto, com olhos da cor do assoalho do quarto em que deviam rezar.

Devil não era muito bom em reza.

Alguém aproximou a vela do rosto do garoto, a chama clara fazendo-o se encolher.

– É ele – disse o diretor.

Devil virou-se para encará-lo mais uma vez.

– Eu não vou pro reformatório.

– Claro que não vai – disse o homem estranho. Ele pegou o embrulho de Devil, abrindo-o.

– Ei! Essas coisa são minha!

O homem o ignorou, jogando as meias e o biscoito de lado, levantando o alfinete e aproximando-o da luz. Devil ficou furioso com a ideia de aquele homem, aquele estranho, tocar a única coisa que tinha da sua mãe. A única coisa que tinha do seu passado. As mãozinhas dele se fecharam em punhos, e ele disparou um soco, que atingiu o quadril do homem chique.

– *É meu! Você não vai ficar com isso!*

O homem gemeu de dor.

– *Cristo! Este demônio sabe dar um soco.*

O diretor tentou enrolar.

– *Ele não aprendeu isso conosco.*

Devil fez uma careta. Onde mais ele podia ter aprendido?

– *Devolve.*

O homem bem-vestido trouxe-o mais para perto, balançando o tesouro de Devil.

– *Sua mãe deu isto para você.*

Devil esticou a mão e arrancou o alfinete da mão do homem, odiando a vergonha que sentiu ao ouvi-lo falar. Vergonha e saudade.

– *É.*

O homem assentiu com a cabeça.

– *Estive procurando você.*

Esperança surgiu, quente e quase desagradável, no peito de Devil.

– *Você sabe o que é um duque? – continuou o homem.*

– *Não, senhor.*

– *Vai saber – ele prometeu.*

Lembranças são uma droga.

Devil se esgueirou pelo longo corredor superior da Casa Marwick, os acordes da orquestra sussurrando pelo espaço pouco iluminado, vindos do andar de baixo. Ele não pensava na noite em que seu pai o encontrou há uma década. Talvez mais.

Mas esta noite, estando nesta casa, que de algum modo ainda tinha o mesmo cheiro, ele se lembrou de cada detalhe daquela primeira noite. O banho, a comida quente, a cama macia. Como se tivesse pegado no sono e acordado num sonho.

E naquela noite tinha sido um sonho.

O pesadelo começou pouco depois.

Afastando a lembrança, ele chegou ao quarto principal, pousando a mão na maçaneta, virando-a rápida e silenciosamente, e entrando.

Seu irmão estava parado junto à janela, o copo pendurado em sua mão, o cabelo loiro brilhando à luz das velas. Ewan não se virou para Devil.

– *Eu estava me perguntando se você viria – ele disse, apenas.*

A voz era a mesma. Cultivada, ponderada e profunda, como a do pai deles.

– Você fala como o duque.

– Eu sou o duque.

Devil deixou a porta se fechar atrás de si.

– Não foi o que eu quis dizer.

– Eu sei o que você quis dizer.

Devil bateu sua bengala duas vezes no chão.

– Nós não fizemos um pacto, anos atrás?

Marwick se virou, revelando o lado do rosto.

– Eu procuro vocês há doze anos.

Devil sentou-se na poltrona baixa junto à lareira, estendendo as pernas em direção ao lugar onde estava o duque.

– Se pelo menos eu soubesse.

– Eu acho que você sabia.

É claro que eles sabiam. Assim que atingiram a maioria, um fluxo de homens foi fuçar os cortiços, perguntando sobre um trio de órfãos que tinha ido para Londres anos antes. Dois garotos e uma menina, com nomes que ninguém em Covent Garden reconhecia... ninguém exceto os próprios Bastardos. Ninguém a não ser os Bastardos e Ewan, o jovem Duque de Marwick, rico como um rei e com idade suficiente para usar bem o dinheiro.

Mas oito anos nos cortiços tornaram Devil e Whit tão poderosos quanto ardilosos, tão fortes quanto ameaçadores, e ninguém falava dos Bastardos Impiedosos por medo de vingança. Principalmente as pessoas que não eram dali.

E, quando os rastros esfriavam, os homens que apareciam fuçando sempre iam embora.

Dessa vez, contudo, não foi um empregado que os procurou. Foi o próprio Marwick. Com um plano melhor do que todos os outros.

– Imagino que você pensou que, anunciando sua busca por uma esposa, conseguiria nossa atenção – disse Devil.

– Funcionou. – Marwick se voltou para ele.

– Sem herdeiros, Ewan – Devil advertiu, incapaz de usar o nome do título na frente. – Esse foi o acordo. Você se lembra da última vez que voltou atrás em um acordo comigo?

Os olhos do duque ficaram sombrios.

– Lembro.

Naquela noite, Devil tomou tudo que o duque amava e fugiu.

– E o que faz você pensar que não vou fazer o mesmo?

– Desta vez eu sou um duque – Ewan disse. – E meu poder vai muito além de Covent Garden, não importa o quão poderosos seus muros sejam atualmente, Devon. Vou transformar sua vida num inferno. E não só a sua. A do nosso irmão. Dos seus homens. Acabo com seus negócios. Você vai perder tudo.

Valeria a pena. Devil olhou fixamente para o irmão.

– O que você quer?

– Eu lhe disse que a procuraria.

Grace. A quarta da turma, a mulher que Whit e Devil chamavam de irmã, embora não houvesse laços sanguíneos entre eles. A garota que Ewan tinha amado desde sempre, mesmo quando eram crianças.

Grace, cujos três irmãos tinham prometido proteger anos atrás, quando eram jovens e inocentes, antes que a traição tivesse rompido sua união.

Grace, que, na traição de Ewan, tinha se tornado o segredo mais perigoso do ducado. Pois ela era a verdade do ducado. Grace, nascida do antigo duque e de sua esposa, a duquesa. Grace, a filha batizada, apesar de ser ilegítima à sua própria maneira.

Mas era Ewan que agora, anos depois, usava o nome da família. Que detinha o título que não pertencia a nenhum deles por direito.

E Grace era a prova viva de que Ewan tinha roubado o título, a fortuna, o futuro – um roubo que a Coroa não aceitaria de modo algum.

Um roubo que, se descoberto, faria Ewan dançar na ponta de uma corda em Newgate.

Devil fitou o irmão com escárnio.

– Você nunca irá encontrá-la.

Algo cintilou nos olhos de Ewan.

– Não vou machucá-la.

– Você é louco como diz sua preciosa aristocracia se pensa que vamos acreditar nisso. Não se lembra da noite em que partimos? Eu lembro, toda vez que me olho no espelho.

Marwick olhou para o rosto de Devil, para a feia cicatriz ali, um poderoso lembrete de como a fraternidade significou pouco quando chegou

a hora de conquistar o poder.

– Eu não tive escolha.

– Todos nós tivemos escolha naquela noite. Você escolheu seu título, seu dinheiro e seu poder. E nós permitimos que você ficasse com essas três coisas, apesar de Whit querer matá-lo antes que a podridão do nosso genitor o consumisse. Nós deixamos que você vivesse, apesar da sua vontade evidente de nos ver mortos. Com uma condição: nosso pai estava louco por um herdeiro e, embora tivesse recebido um falsificado com você, não teria a satisfação de uma linhagem, nem mesmo após morto. Nós sempre vamos estar em lados opostos nessa luta, duque. Nada de herdeiros era a regra. A única regra. Nós o deixamos em paz, todos esses anos, com seu título roubado, por causa disso. Mas saiba que, se decidir brincar conosco, eu acabo com você, e nunca terá uma pitada de felicidade na vida.

– Você acha que estou transbordando de felicidade agora?

Cristo, Devil esperava que não. Ele tinha esperança de que nada fizesse o duque feliz. Ele tinha se deleitado com o lendário isolamento do irmão, sabendo que Ewan morava na casa onde foram jogados um contra o outro, filhos bastardos em uma batalha por legitimidade. Por nome, título e fortuna. Ensinados a dançar, comer e falar com eloquência para disfarçar a vergonha na qual os três tinham nascido.

Ele esperava que cada lembrança da infância deles consumisse o irmão, que o arruinasse o arrependimento de se permitir brincar de filho devotado de um maldito monstro.

– Não me importo – mentiu Devil.

– Eu procurei vocês por mais de uma década e nunca os encontrei. Os Bastardos Impiedosos, ricos e implacáveis, comandando só sabe Deus que tipo de atividade criminosa no coração de Covent Garden, lugar onde *eu* nasci, devo acrescentar.

– O lugar cuspiu você longe no momento em que nos traiu – disse Devil.

– Eu fiz centenas de perguntas de mil maneiras diferentes. – Ewan lhe deu as costas, passando a mão agitada pelo cabelo loiro. – Nada de mulheres. Nada de esposas. Nada de irmãs. Onde ela está?

Havia pânico em suas palavras, uma sensação vaga de que ele poderia enlouquecer se não recebesse uma resposta. Devil tinha vivido tempo suficiente na escuridão para compreender os loucos e suas obsessões. Ele

meneou a cabeça, enviando uma prece de agradecimento aos deuses por manter o povo de Covent Garden leal a eles.

– Sempre longe do seu alcance.

– Você a tirou de mim! – O pânico beirava a fúria.

– Você tirou o título dela – Devil disse. – O título que adoeceu seu pai.

– Nosso pai.

Devil ignorou a correção.

– O título fez você adoecer. Deixou-o preparado para matá-la.

O duque olhou para o teto por um longo minuto.

– Eu deveria ter matado *você* – ele disse, então.

– Ela teria escapado.

– Eu deveria matar *você* agora.

– Então nunca vai encontrá-la.

Ele crispou o maxilar familiar – um eco do pai. Os olhos enlouqueceram, depois, tornaram-se inexpressivos.

– Entenda, Devil, que não tenho interesse em manter minha parte do acordo. Vou ter herdeiros. Sou um duque. Preciso ter uma esposa e um filho dentro de um ano. Eu vou renegar nosso acordo, a menos que me diga onde ela está.

A raiva de Devil se inflamou, e sua mão apertou o castão de prata da bengala. Ele deveria matar o irmão agora. Deixá-lo sangrando no maldito chão, e finalmente dar à linhagem Marwick o que lhe era de direito.

Ele bateu a bengala na ponta de sua bota preta.

– Você faria bem em lembrar a informação que tenho a seu respeito, *duque*. Uma palavra, e você seria enforcado.

– Por que não a usa? – A pergunta não foi agressiva, como Devil podia esperar. Foi sofrida, como se Ewan quisesse a morte. Como se ele a invocasse.

Devil ignorou essa percepção.

– Porque brincar com *você* é mais divertido.

Era mentira. Devil destruiria alegremente este homem, que já tinha sido seu irmão. Mas anos atrás, quando ele e Whit fugiram da propriedade Marwick e foram para Londres em busca de seu futuro aterrorizante, jurando manter Grace a salvo, eles fizeram outro juramento, este para a própria Grace.

Eles juraram não matar Ewan.

– Sim, acho que vou entrar na sua brincadeira idiota – Devil disse, levantando e batendo duas vezes a bengala no chão. – Você subestima o poder do filho bastardo, meu irmão. As mulheres adoram um homem disposto a levá-las para um passeio no escuro. Vou arruinar com alegria suas futuras noivas. Uma após a outra, até o fim dos tempos. Sem hesitar. Você nunca terá um herdeiro. – Ele se aproximou, ficando frente a frente com o irmão. – Eu tirei Grace de você – ele sussurrou. – Acha que não consigo tirar todas as outras?

O maxilar de Ewan ficou tenso, com uma raiva passional.

– Você vai se arrepender de mantê-la longe de mim.

– Ninguém mantém Grace em lugar algum. Ela escolheu ficar longe de você. Ela escolheu fugir. Ela não confiava em você para mantê-la em segurança. Não quando ela é prova de seu segredo mais tenebroso. – Ele fez uma pausa. – Robert Matthew Carrick.

O olhar do duque ficou embaçado ao ouvir o nome, e Devil imaginou se os boatos podiam ser verdadeiros. Se Ewan era, de fato, louco. Não seria surpresa, com o passado que o assombrava. Que assombrava a todos. Mas Devil não ligava e continuou.

– Ela nos escolheu, Ewan. E vou garantir que toda mulher que você cortejar faça o mesmo. Vou arruinar cada uma delas, com prazer. E, ao fazê-lo, irei salvá-las do seu louco desejo por poder.

– Você acha que não tem o mesmo desejo? Você acha que não o herdou do nosso pai? Vocês são chamados de Reis de Covent Garden; poder, dinheiro e vícios os rodeiam.

– Nós fizemos por merecer tudo isso, Ewan. – Devil deu um sorriso convencido.

– Acho que você quer dizer que roubaram tudo isso.

– Bem que você sabe algumas coisinhas sobre futuros roubados. Sobre nomes roubados. Robert Matthew Carrick, Duque de Marwick. Um belo nome para um garoto nascido num bordel de Covent Garden.

O duque baixou o rosto, seus olhos brilhando, altivos.

– Então vamos começar, irmão, pois parece que já consegui uma noiva. Lady Felicia Fairhaven, ou Fiona Farthing, ou algo parecido com isso.

Felicity Faircloth.

Foi assim que os cretinos no terraço a chamaram antes de a destroçarem, de a forçarem a agir, inspirando-a a conquistar um noivo num

surto de atrevimento ultrajante. Devil tinha assistido ao desenrolar do desastre, incapaz de impedi-la de se envolver nos assuntos do irmão. Em seus assuntos.

– Se você pretende me convencer que não está disposto a magoar mulheres – disse Devil –, não é colocando uma garota inocente no meio disto tudo que vai conseguir.

O olhar de Ewan encontrou o do irmão no mesmo instante, e Devil arrependeu-se de suas palavras. Do que Ewan pareceu pensar que elas sugeriam.

– Não vou magoá-la – disse Ewan. – Vou me casar com ela.

A declaração desagradável o irritou, mas Devil fez o possível para ignorar a sensação. Felicity Faircloth, com seu nome tolo, estava definitivamente envolvida agora. O que significava que ele não tinha escolha a não ser procurá-la.

– A família dela parece desesperada por um duque – continuou Ewan. – Tão desesperada que a própria Felicity simplesmente nos declarou noivos, esta noite. E, até onde eu sei, nós nem sequer nos conhecemos. É claro que se trata de uma tola, mas não me importa. Herdeiros são herdeiros.

Ela não era tola. Era fascinante, curiosa. Tinha a língua afiada e ficava mais à vontade no escuro do que ele teria imaginado. E possuía um sorriso que fazia um homem prestar atenção.

Era uma pena que ele teria que a arruinar.

– Vou procurar a família da garota e oferecer-lhes fortuna, título, o pacote completo. O que for necessário. O proclama será lido domingo – disse Marwick, calmo, como se estivesse comentando sobre o clima. – E estaremos casados em menos de um mês. Herdeiros logo estarão a caminho.

Ninguém consegue voltar. Não sem um casamento que faça história.

As palavras de Felicity ecoaram na memória de Devil. Ela devia estar empolgada com essa reviravolta em sua vida. O casamento com Marwick proporcionaria o que ela queria. O retorno da heroína à aristocracia.

Só que ela não retornaria.

Porque Devil nunca permitiria, tendo ela um sorriso lindo ou não. Embora aquele sorriso pudesse tornar a ruína dela mais satisfatória.

Devil baixou as sobrancelhas.

– Você terá herdeiros com Felicity Faircloth só por cima do meu cadáver.

– Você acha que ela vai escolher Covent Garden em vez de Mayfair?

Eu quero voltar.

Mayfair era tudo que Felicity Faircloth queria. Ele apenas teria que mostrar para ela o que mais havia para ser visto. Enquanto isso, ele disparou seu golpe mais poderoso.

– Acho que ela não será a primeira mulher que vai preferir se arriscar comigo em vez de passar a vida com você, Ewan.

Aquilo doeu porque era verdade.

O duque desviou o olhar, voltando-se para a janela.

– Vá embora.

Capítulo Quatro



Felicity entrou apressada pela porta aberta de sua casa, ignorando o fato de que seu irmão estava atrás dela. Parando brevemente, ela sorriu para o mordomo, que segurava a porta.

– Boa noite, Irving.

– Boa noite, milady – entou o mordomo, fechando a porta atrás de Arthur e estendendo a mão para pegar as luvas do conde. – Milorde.

– Não vou ficar, Irving. – Arthur sacudiu a cabeça. – Só estou aqui para falar com a minha irmã.

Felicity se virou para encarar os olhos castanhos do irmão, idênticos aos dela.

– Agora você quer falar? Nós viemos em silêncio na carruagem.

– Eu não chamaria de silêncio.

– Ah, não?

– Não. Eu chamaria de “sem fala”.

Ela bufou, arrancando as luvas, usando o movimento para evitar os olhos do irmão e a culpa desconfortável que a agitava frente à ideia de discutir a noite desastrosa que tinha se passado.

– Bom Deus, Felicity, não sei se existe um irmão, em toda cristandade, que seria capaz de encontrar palavras após sua demonstração de audácia.

– Ah, por favor. Eu contei uma mentirazinha. – Ela foi em direção à escada, fazendo um gesto com a mão e tentando não parecer tão apreensiva quanto estava. – As pessoas fazem coisas muito mais chocantes. Não é como se eu tivesse arrumado um emprego num bordel.

Os olhos de Arthur saltaram das órbitas.

– Uma *mentirazinha*? – Antes que ela pudesse responder, ele acrescentou: – E você nem deveria conhecer a palavra bordel.

Ela olhou para trás; os dois degraus que ela tinha subido a deixavam mais alta que o irmão.

– Sério?

– Sério.

– Imagino que você ache indecoroso eu saber a palavra bordel.

– Eu não acho, eu sei. E pare de repetir isso.

– Estou deixando você constrangido?

O irmão apertou os olhos para ela.

– Não, mas estou vendo que é essa a sua intenção. E eu não quero ofender Irving.

O mordomo arqueou as sobrancelhas. Felicity se virou para ele.

– Estou ofendendo você, Irving?

– Não mais do que o normal, milady – disse o homem, todo sério.

Felicity deu uma risadinha quando ele se virou para sair.

– Fico feliz que um de nós consiga encontrar leveza em uma situação como esta. – Ele olhou para o grande lustre acima e exclamou: – Bom Deus, Felicity!

E assim eles retornaram para onde tinham começado, culpa e pânico e uma quantidade considerável de medo borbulhando dentro dela.

– Eu não pretendia dizer aquilo.

– Bordel? – O irmão olhou feio para ela.

– Ah, agora é você que está brincando?

Ele abriu os braços.

– Eu não sei mais o que fazer! – Ele parou, então pensou em algo mais para dizer. O óbvio. – Como você pôde pensar...

– Eu sei – ela o interrompeu.

– Não, eu não acho que você saiba. O que você fez é...

– Eu *sei* – ela insistiu.

– Felicity, você declarou para todo mundo ouvir que vai se casar com o Duque de Marwick.

Ela estava começando a se sentir nauseada.

– Não foi para o mundo todo.

– Não, apenas para seis dos maiores fofoqueiros que existem. E preciso acrescentar que nenhum deles gosta de você, então nós não podemos contar com o silêncio deles. – A lembrança da repugnância deles por Felicity não estava ajudando o incômodo gástrico dela. Contudo, Arthur continuou sem perceber. – Não que isso importe, já que foi como se você tivesse gritado do palco da orquestra, pela velocidade com que a fofoca se espalhou pelo salão de baile. Eu tive que fugir de lá antes que Marwick me procurasse e exigisse uma explicação. Ou, pior, antes que se pronunciasse diante de todos os convidados e chamasse você de mentirosa.

Tinha sido um erro terrível. Ela *sabia*. Mas os ex-amigos a deixaram tão *furiosa*. E foram tão cruéis. E ela se sentiu tão *sozinha*.

– Eu não pretendia...

Arthur soltou um suspiro longo e pesado, oprimido por um fardo invisível.

– Você nunca pretende. – As palavras saíram baixas, quase num sussurro, como se não fosse para Felicity escutá-las. Ou como se ela não estivesse lá. Mas é óbvio que estava. Possivelmente sempre estaria.

– Arthur...

– Você não pretendia ser pega no quarto de um homem...

– Eu nem sabia que *era* o quarto dele. – Era apenas uma porta trancada. Acima de um baile que tinha partido o coração dela. É claro que Arthur nunca compreenderia isso. Na cabeça dele, aquilo tinha sido uma idiotice. E talvez tivesse sido mesmo.

Ele continuou:

– Você *não pretendia* recusar três propostas de casamento perfeitamente boas nos meses seguintes.

Ela endireitou a coluna. *Isso* ela pretendia.

– Eram propostas perfeitamente boas para quem gosta de velhos ou imbecis.

– Eram homens que queriam se casar com você, Felicity.

– Não. Eram homens que queriam se casar com o meu dote. Eles queriam fazer negócios com *você* – ela afirmou. Arthur tinha uma ótima

cabeça para os negócios e conseguia transformar penas de ganso em ouro. – Um deles até me disse que eu poderia continuar morando aqui, se eu quisesse.

As bochechas do irmão estavam ficando vermelhas.

– E o que haveria de errado nisso?

Ela arregalou os olhos.

– Em morar separada do meu marido num casamento sem amor?

– Por favor – ele escarneceu. – Agora nós estamos falando de amor?

Você mesma pode nadar até um banco de areia e encalhar, então.

Ela o encarou fixamente.

– Por quê? Você encontrou o amor.

Arthur exalou com força.

– É diferente.

Vários anos atrás, Arthur se uniu a Lady Prudence Featherstone num célebre casamento; eles estavam apaixonados. Pru era a garota que morava numa propriedade em péssimo estado vizinha à sede rural do marquesado do pai de Arthur e Felicity. Toda Londres suspirava quando se referia ao jovem e brilhante Conde de Grout, herdeiro do marquês, e sua humilde e linda noiva, que imediatamente deu à luz seu sucessor e agora estava em casa esperando o segundo filho.

Pru e Arthur se amavam de um modo despropositado em que ninguém acredita até ser testemunha. Eles nunca discutiam, gostavam das mesmas coisas e, com frequência, eram vistos nos cantos dos salões de baile de Londres, preferindo a companhia um do outro à de qualquer outra pessoa.

Era enjoativo, na verdade.

Mas não era tão impossível, era?

– Por quê?

– Porque eu conheço Pru desde sempre, e o amor não vem para todo mundo. – Ele fez uma pausa e acrescentou: – E mesmo quando vem, não é sem uma série de desafios.

Ela inclinou a cabeça diante daquelas palavras. O que significavam?

– Arthur?

Ele meneou a cabeça, recusando-se a responder.

– A questão é que você tem 27 anos, e está na hora de parar com a hesitação e se casar com um homem decente. Mas é claro que agora você tornou isso quase impossível.

Mas ela não queria se casar com um homem velho qualquer. Ela queria mais do que isso. Ela queria um homem que pudesse... Felicity nem sabia. Com certeza, um homem que pudesse fazer mais do que se casar com ela e deixá-la sozinha pelo resto da vida.

Apesar disso, ela não queria que sua família sofresse por suas ações tresloucadas. Ela baixou os olhos para as mãos e foi sincera.

– Eu sinto muito.

– Seu arrependimento não é suficiente. – A resposta foi dura, mais do que ela poderia esperar do irmão gêmeo, que a acompanhava desde o momento em que nasceram. Desde antes disso. Ela encarou os olhos castanhos – os quais conhecia tão bem porque também eram os seus – e viu incerteza. Não, pior. Decepção.

Ela desceu um degrau na direção dele.

– Arthur, o que aconteceu?

Ele engoliu em seco e meneou a cabeça.

– Não é nada. É só que... eu achei que talvez tivéssemos uma chance.

– Com o duque? – Ela arregalou os olhos, incrédula. – Não tínhamos, Arthur. Nem mesmo antes de eu dizer o que disse.

– De... – Ele fez uma pausa, sério. – De um casamento decente.

– E por acaso havia um elenco de cavalheiros querendo me conhecer esta noite?

– Havia Matthew Binghamton.

Ela arregalou os olhos.

– O Sr. Binghamton é chato de doer.

– Ele é rico como um rei – Arthur observou.

– Mas receio que não rico o bastante para eu querer me casar com ele. Riqueza não compra personalidade. – Quando Arthur grunhiu, ela continuou: – Seria tão ruim assim continuar solteira? Ninguém vai culpar você por eu não conseguir me casar. Papai é o Marquês de Bumble, e você, um conde, herdeiro dele. Podemos passar sem um casamento, não?

Embora estivesse completamente envergonhada pelo que tinha acontecido, havia uma parte dela, não muito pequena, que sentia considerável gratidão por ter acabado aquela farsa.

Ele parecia estar pensando em algo diferente. Algo importante.

– Arthur?

– Também havia Friedrich Homrighausen.

– Friedrich... – Felicity inclinou a cabeça, confusa. – Arthur, *Herr* Homrighausen chegou a Londres há apenas uma semana. E ele não fala inglês.

– Ele pareceu não se importar com isso.

– Não ocorreu a você que eu poderia me importar, já que não falo alemão?

Ele deu de ombros.

– Você poderia aprender.

Felicity piscou várias vezes, descrente.

– Arthur, eu não tenho nenhuma vontade de morar na Bavária.

– Ouvi dizer que é um lugar lindo. Dizem que Homrighausen tem um castelo. – Ele apontou para cima. – Com torres.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Eu estou procurando torres?

– Poderia estar.

Felicity observou o irmão por um longo momento. Alguma coisa a incomodava, algo que ela não conseguia dizer o que era. Então, ela se contentou com:

– Arthur?

Antes que ele conseguisse responder, meia dúzia de latidos ecoaram acima deles.

– Oh, céus! – Foi a exclamação que seguiu os latidos. – Imagino que o baile não tenha saído como planejado? – A pergunta veio do andar de cima, no rastro de três dachshunds de pelo longo, o orgulho da Marquesa de Bumble, que, apesar do resfriado que a manteve em casa e lhe deu um nariz vermelho, descia toda elegante, envolta num lindo penhoar cor de vinho, o cabelo grisalho caído nos ombros. – Você conheceu o duque?

– Ela não conheceu, na verdade – Arthur disse.

A marquesa fitou a única filha com um olhar de decepção.

– Ah, Felicity. Assim não dá. Duques não crescem em árvores, você sabe.

– Não crescem? – Felicity ganhou confiança com sua resposta, desejando que o irmão gêmeo ficasse calado enquanto ela lutava para se desvencilhar dos cachorros que agora estavam parados sobre as patas de trás, com as da frente na saia dela. – Não! Desça!

– Você não é tão divertida quanto pensa – a mãe continuou, ignorando o ataque canino que se desenrolava. – Há talvez *um* duque disponível por ano? Alguns anos não trazem duque algum! E você já perdeu sua chance com o do ano passado.

– O Duque de Haven já estava casado, mãe.

– Não precisa falar como se eu não lembrasse! – ela ralhou. – Eu gostaria de repreendê-lo pelo modo como a cortejou sem nunca pretender se casar com você.

Felicity ignorou o solilóquio, que já tinha ouvido mil vezes antes. Ela nunca teria sido enviada para competir pela mão do duque se não fosse pelo fato de que outros homens não estavam exatamente clamando para tê-la, então Felicity não ligou para o fato de ele preferir continuar casado com a esposa.

Além de ter gostado muito da Duquesa de Haven, Felicity também aprendeu algo muito importante a respeito da instituição do casamento: um homem loucamente apaixonado resulta num marido extraordinário.

Não que houvesse um marido perdidamente apaixonado no destino de Felicity. Esse navio tinha zarpado esta noite. Bem, para ser honesta, o navio já tinha zarpado meses atrás, mas esta noite tinha sido o último prego no caixão.

– Estou misturando as metáforas – ela disse.

– O quê? – Arthur estrilou.

– Você está o quê? – a mãe repetiu.

– Nada. – Ela fez um gesto de pouco caso. – Eu pensei alto.

Arthur suspirou.

– Pelo amor de Deus, Felicity – disse a marquesa. – Isso não vai ajudar você a conquistar o duque.

– Mãe, Felicity não vai conquistar o duque.

– Com essa atitude, é claro que não – a mãe retorquiu. – Ele nos convidou para um baile! Toda Londres parece pensar que ele está procurando uma esposa! E você é filha de um marquês, irmã de um conde. E tem todos os dentes!

Felicity fechou os olhos por um momento, resistindo ao impulso de gritar, chorar, rir ou fazer as três coisas.

– É isso que os duques procuram hoje em dia? Posse de dentes?

– Faz parte! – insistiu a marquesa, suas palavras alarmadas transformando-se em uma tosse seca. Ela cobriu a boca com a mão. – Droga de resfriado. Eu mesma poderia ter feito a apresentação.

Felicity fez uma oração silenciosa para a divindade que tinha mandado um resfriado para a Casa dos Bumble dois dias antes, ou ela teria sido obrigada, sem dúvida alguma, a dançar ou tomar ratafia com o Duque de Marwick.

Ninguém gostava de ratafia. O porquê de servirem esse licor em todos os bailes da alta sociedade era algo que estava além da compreensão de Felicity.

– Você não poderia ter nos apresentado – disse Felicity. – Você não conhece Marwick. Ninguém conhece. Porque ele é um eremita e um louco, se é que podemos acreditar nas fofocas.

– Ninguém acredita em fofocas.

– Mãe, todo mundo acredita em fofocas. Se não acreditassem... – Ela fez uma pausa quando a marquesa espirrou. – Deus te crie.

– Se Deus me quisesse bem, ele faria você se casar com o Duque de Marwick.

Felicity revirou os olhos.

– Mãe, depois desta noite, se o Duque de Marwick mostrar algum interesse por mim, será um indício claro de que ele é mesmo maluco, que vaga por aquela casa imensa colecionando mulheres solteiras e vestindo-as com roupas chiques para um museu particular.

– Isso é meio assustador – Arthur disse, arregalando os olhos.

– Bobagem – a mãe disse. – Duques não colecionam mulheres. – Ela fez uma pausa. – Espere. *Depois desta noite?*

Felicity ficou quieta.

– Arthur? – A mãe insistiu. – Como foi a noite?

Felicity virou de costas para a mãe e lançou um olhar arregalado, de súplica, para o irmão. Ela não aguentaria ter que contar a noite desastrosa para a mãe. Para isso, ela precisaria dormir. E talvez sob efeito de láudano.

– Nada de mais, não é, *Arthur?*

– Que pena – a marquesa suspirou. – Nem uma única proposta adicional?

– Adicional? – Felicity repetiu. – Arthur, você também está procurando um marido para mim?

Arthur pigarreou.

– Não.

– Não para quem? – Felicity arqueou as sobrancelhas.

– Para a mamãe.

– Ah – a marquesa disse da escada. – Nem mesmo de Binghamton? Ou do alemão?

– O alemão. – Felicity piscou várias vezes. – Herr Homrighausen.

– Dizem que ele tem um castelo! – a marquesa disse antes de se dissolver em outro acesso de tosse, ao que se seguiu um coro de latidos.

Felicity ignorou a mãe, mantendo a atenção no irmão, que fazia o possível para não olhar para ela antes de enfim responder com irritação.

– Sim.

A palavra destravou o pensamento que antes rondava a consciência de Felicity.

– Eles são ricos.

Arthur olhou feio para ela.

– Não sei o que você quer dizer.

Ela olhou para a mãe.

– O Sr. Binghamton, Herr Homrighausen, o Duque de Marwick. – Ela se virou para Arthur. – Nenhum deles combina comigo. *Mas são todos ricos.*

– Ora essa, Felicity! Ladies não discutem a situação financeira de seus pretendentes! – exclamou a marquesa, os cães latindo e saltitando ao redor dela, como anjinhos gordos.

– Só que eles não são meus pretendentes, são? – ela perguntou, a compreensão vindo ao mesmo tempo em que ela virava o olhar acusador para o irmão. – Ou se eram... arruinei tudo esta noite.

A marquesa ficou boquiaberta ao ouvir a filha.

– O que você fez desta vez?

Ela ignorou o tom da mãe, como se fosse esperado que Felicity fizesse algo para espantar quaisquer possíveis pretendentes. O fato de ela ter feito exatamente isso era irrelevante. A questão era que sua família estava escondendo segredos dela.

– Arthur?

O irmão virou-se para olhar para a mãe, e Felicity reconheceu a súplica e a frustração nos olhos dele, a mesma expressão desde a infância, como se

ela tivesse comido a última tortinha de cereja, ou estivesse pedindo para ir com ele e os amigos ao lago à tarde. Ela seguiu o olhar dele até onde a mãe estava, no alto da escada, e, por um instante, pensou em todas as vezes que estiveram nessa mesma posição, crianças abaixo e um dos pais acima, como o rei Salomão, esperando uma solução para o ínfimo problema dela.

Mas este problema não era ínfimo.

Se o desamparo no rosto da mãe era algum indício, este problema era maior do que Felicity tinha imaginado.

– O que aconteceu? – Felicity perguntou antes de se colocar bem na frente do irmão. – Não, não olhe para ela. Eu sou o motivo do problema, é óbvio, então gostaria de saber o que aconteceu.

– Eu poderia perguntar a mesma coisa – a mãe disse da escada.

Felicity respondeu à marquesa sem olhar para ela.

– Eu disse a toda Londres que iria me casar com o Duque de Marwick.

– *Você o quê?!*

Os cachorros começaram a latir de novo, alto e freneticamente, quando sua dona sucumbiu a outro acesso de tosse. Mesmo assim, Felicity não desviou o olhar do irmão.

– Eu sei. É terrível. Causei um probleminha. Mas não fui a única... fui?

– O olhar culpado de Arthur encontrou o dela, e Felicity repetiu: – Fui?

Ele inspirou fundo e soltou o ar num suspiro longo e cheio de frustração.

– Não.

– Algo aconteceu.

Ele anuiu.

– Algo a ver com dinheiro.

E de novo:

– Felicity, nós não discutimos dinheiro com os homens.

– Então, por favor, mamãe, pode sair, porque eu pretendo ter esta conversa com meu irmão. – Os olhos castanhos de Arthur encontraram os dela. – Algo a ver com dinheiro.

Ele desviou o olhar para os fundos da casa, onde uma escada estreita levava aos aposentos dos criados, onde dormiam duas dúzias deles sem saber que seu destino estava em jogo. Do mesmo modo que Felicity dormia até esta noite, quando seu irmão, que ela amava de todo coração, assentiu uma última vez.

– Não temos nenhum – ele disse.

Ela arregalou os olhos diante das palavras ao mesmo tempo esperadas e chocantes.

– O que isso significa?

A frustração cresceu, e ele lhe deu as costas, passando os dedos pelo cabelo antes de se voltar para ela, os braços abertos.

– O que parece? Acabou o dinheiro.

A marquesa desceu da escada, meneando a cabeça.

– Como é possível? Você é Midas.

Ele riu, o som desprovido de humor.

– Não sou mais.

– Não é culpa do Arthur – disse a Marquesa de Bumble do patamar superior. – Ele não percebeu que era um negócio ruim. Ele pensou que podia confiar nos outros homens.

– Um negócio ruim? – ela meneou a cabeça.

– Não foi um negócio ruim – ele disse em voz baixa. – Eu não fui enganado. Eu só... – Ela se aproximou dele, estendendo a mão para o irmão, querendo reconfortá-lo. Então, ele acrescentou: – Eu nunca imaginei que perderia tudo.

Ela segurou as mãos dele.

– Vai ficar tudo bem – ela disse, tranquila. – E daí que você perdeu algum dinheiro.

– Todo o dinheiro. – Arthur baixou os olhos para as mãos deles, entrelaçadas. – Meu Deus, Felicity. A Pru não pode saber.

Felicity duvidava que a cunhada se aborreceria por Arthur ter feito um investimento ruim. Ela tentou um sorriso.

– Você é herdeiro de um marquesado. Papai vai ajudar você a recuperar seus negócios e sua reputação. Nós temos terras. Casas. A coisa vai se corrigir sozinha.

Arthur negou com a cabeça.

– Não. Papai investiu comigo. Tudo se foi. Tudo que não estava vinculado.

Felicity arregalou os olhos e se virou para a mãe, que, parada com mão sobre o peito, aquiesceu.

– Tudo.

– Quando?

– Não é importante.

Ela se virou para o irmão.

– Na verdade, acho que é. Quando?

Ele engoliu em seco.

– Dezoito meses atrás.

Felicity ficou boquiaberta. Dezoito meses. Eles mentiram para ela durante um ano e meio. Esforçaram-se para casá-la com uma coleção de homens aquém do ideal, depois a enviaram para uma ridícula festa, numa casa de campo, onde ela teve que competir com quatro outras mulheres que tentavam conquistar o Duque de Haven a escolhê-las como sua segunda mulher. Ela deveria ter desconfiado, claro, no momento em que sua mãe, que só ligava para decoro, seus cães e seus filhos (nessa ordem), apresentou como boa a ideia de Felicity competir pela mão do duque.

Ela deveria ter compreendido quando seu pai permitiu esse absurdo.

Quando seu irmão permitiu.

– O duque era rico. – Ela olhou para Arthur.

O irmão pareceu confuso.

– Qual deles?

– O dois. O do último verão. O desta noite.

Ele assentiu.

– E todos os outros.

– Eram ricos o bastante.

Ela sentiu o sangue pulsando nos ouvidos.

– Eu deveria ter me casado com um deles.

Arthur concordou.

– E o casamento deveria ter enchido nossos cofres.

– Essa era a ideia.

A família a esteve usando durante um ano e meio. Fazendo planos sem que ela soubesse. Por um ano e meio, ela tinha sido um peão nesse jogo. Felicity meneou a cabeça.

– Como vocês puderam não me contar que o objetivo era o casamento a qualquer custo?

– Porque não era. Eu não casaria você com qualquer um...

Ela ouviu a hesitação no fim da frase.

– Porém?

Ele suspirou e fez um gesto indefinido.

– Porém. – Ela ouviu as palavras que não foram ditas: *Porém, nós precisávamos do casamento.*

Sem dinheiro.

– E os criados?

Ele meneou a cabeça.

– Nós cortamos a criadagem em todas as propriedades, menos aqui.

Felicity sacudiu a cabeça e se virou para a mãe.

– Todas as desculpas... as milhares de razões pelas quais não fomos para o interior.

– Nós não queríamos preocupar você – a mãe respondeu. – Você já estava tão...

Fugidia. Infrutífera. Fracassada.

Felicity meneou a cabeça.

– E os meeiros? – As pessoas que trabalhavam duro para cultivar a terra no interior. Que dependiam do título para sustento. Para proteção.

– Agora eles ficam com o que produzem – Arthur respondeu. – Eles mesmos negociam o gado e fazem a manutenção de suas casas. – Protegidos, mas não pelo título a que a terra estava vinculada.

Sem dinheiro. Nada para proteger a terra para as futuras gerações, para os filhos dos meeiros. Nada para o filhinho de Arthur e o segundo que estava a caminho. Para o futuro dela, caso não se casasse.

Não vamos suportar outro escândalo.

As palavras de Arthur ressoaram nela outra vez, espontâneas. Com sentido novo, literal.

Eles estavam no século dezenove, e ter um título não garantia o estilo de vida como antes; havia aristocratas empobrecidos por toda parte em Londres, e em breve a família Faircloth faria parte dessa parcela da nobreza.

Não era culpa de Felicity, mas, de algum modo, parecia ser inteiramente responsabilidade dela.

– E agora, eles não vão me querer.

Arthur desviou o olhar, envergonhado.

– Agora eles não vão querer você.

– Porque eu menti.

– O que deu em você para contar uma mentira pavorosa dessas? – perguntou a mãe, sem respirar direito de pavor.

– Imagino que foi a mesma coisa que deu em vocês para guardarem um segredo tão pavoroso – Felicity disse, tomada pela frustração. – Desespero.

Raiva. Solidão. Desejo de mudar o futuro sem pensar no que poderia acontecer em seguida.

Seu gêmeo a encarou, o olhar claro e honesto.

– Foi um erro.

Ela levantou o queixo, tomada por terror e uma raiva quente.

– O meu também.

– Eu devia ter lhe contado.

– São muitas as coisas que nós dois deveríamos ter feito.

– Eu pensei que podia poupar você... – ele começou, mas Felicity ergueu a mão para impedi-lo de continuar.

– Você pensou que podia poupar *você* mesmo. Você pensou que podia se poupar de ter que contar para sua mulher, que você jurou amar e proteger, a verdade da sua realidade. Você pensou que podia se poupar do constrangimento.

– Não só constrangimento. Da preocupação. Eu sou o marido dela. Eu devo cuidar dela. Deles todos. – Uma esposa. Um filho. Outro a caminho.

Uma pontada de tristeza reverberou em Felicity. Um fio de empatia, tingido pela decepção que sentia. Por seu medo. Pela culpa por se comportar de modo tão imprudente, por falar alto demais, por cometer um erro.

No silêncio que se seguiu, Arthur enfim falou:

– Eu não devia ter pensado em usar você.

– Não – ela concordou, com raiva o bastante para não isentá-lo de culpa. – Não devia mesmo.

Ele soltou outra risada desprovida de humor.

– Acho que fiz por merecer o que vai acontecer. Afinal, você não vai se casar com um duque rico. Ou ninguém rico. E você não deveria baixar suas expectativas.

Só que agora Felicity tinha contado uma mentira enorme e arruinado qualquer chance de suas expectativas serem alcançadas. E, de quebra, arruinado qualquer chance de garantir o futuro de sua família. Ninguém iria querê-la agora; ela não só estava manchada por seu comportamento passado como também tinha mentido. Em público. Sobre seu casamento com o duque.

Nenhum homem com a cabeça no lugar consideraria esse erro como perdoável.

Adeus, expectativas.

– Expectativas não valem a energia que gastamos pensando nelas se não tivermos um teto sobre nossas cabeças. – A marquesa suspirou, como se do alto pudesse ler os pensamentos da filha. – Minha nossa, Felicity, o que deu em você, afinal?

– Não importa, mãe – Arthur interveio antes que Felicity pudesse falar.

Arthur, sempre protegendo a irmã. Sempre tentando proteger todo mundo, o idiota.

– Tem razão – a marquesa lamentou. – Imagino que a esta altura o duque já tenha informado a sociedade inteira da mentira, devolvendo-nos, assim, ao nosso escandaloso lugar de direito.

– Provavelmente – Felicity disse, culpa, fúria e frustração em guerra dentro dela. Afinal, como mulher, ela deveria ter um objetivo singular em momentos como esse... casar-se por dinheiro e devolver honra e riqueza à sua família.

Exceto que ninguém se casaria com ela depois desta noite.

Pelo menos ninguém com a cabeça no lugar.

Arthur percebeu a revolta dela pela direção da conversa e colocou as mãos em seus ombros, dando um beijo fraternal da testa de Felicity.

– Nós vamos ficar bem – ele disse com firmeza. – Vou encontrar outro modo.

Ela anuiu, ignorando o ardor das lágrimas que ameaçavam transbordar. Sabendo que dezoito meses tinham se passado, e a melhor solução que Arthur tinha encontrado era o casamento dela.

– Vá para casa ficar com sua mulher – Felicity disse.

Ele engoliu em seco diante da lembrança de sua linda e amada esposa, que não sabia nada da dificuldade em que todos estavam. Que sorte a de Prudence.

– Ela não pode saber – sussurrou Arthur quando conseguiu encontrar sua voz.

O medo em suas palavras era palpável. Horrível.

Eles estavam em uma enrascada.

– É o nosso segredo – Felicity assentiu.

Quando a porta se fechou atrás dele, a garota levantou as saias – de um vestido da última temporada, alterado para acomodar as mudanças na moda em vez de ser doado e substituído por algo novo. Como ela pôde não perceber? Ela subiu a escada, com os cachorros indo de um lado para outro à sua frente.

Quando chegou ao patamar, ela encarou a mãe.

– Seus cachorros estão tentando me matar.

A marquesa anuiu, permitindo a mudança de assunto.

– É possível. Eles são muito inteligentes.

Felicity forçou um sorriso.

– São seus melhores filhos.

– Dão menos trabalho que os outros – a mãe respondeu, abaixando-se e pegando um cão peludo nos braços. – O duque era bonito?

– Eu mal o vi na multidão, mas pareceu bonito. – Sem perceber, Felicity se pegou pensando no outro homem. O da escuridão. O que ela desejava ter visto. Ele tinha lhe parecido mágico, como uma chama invisível.

Mas se esta noite lhe ensinou algo, foi que magia não é real.

Reais são os problemas.

– Tudo que nós queríamos era um bom casamento. – As palavras da mãe interromperam seus pensamentos.

Felicity retorceu os lábios.

– Eu sei.

– Foi tão ruim quanto parece?

Você não escapou de nós; nós nos livramos de você.

Felicity Acabada. Felicity Infrutífera. Felicity Fracassada.

Está tarde demais para você conquistar o duque.

Felicity assentiu.

– Foi pior.

Ela seguiu pelos corredores escuros até seu quarto. Ao entrar no cômodo pouco iluminado, ela jogou as luvas e a bolsa na mesinha ao lado da porta, e a fechou, encostando-se nela e finalmente exalando o ar que vinha segurando desde que se vestiu para o baile Marwick, horas atrás.

Ela foi até a cama no escuro, jogando-se no colchão. Ficou olhando para o dossel acima, por um longo momento, lembrando os eventos horripilantes da noite.

– Que desastre!

Por um momento, Felicity imaginou o que faria se não fosse ela mesma – alta demais, comum demais, velha demais, com a língua afiada demais; uma mulher invisível sem qualquer esperança de conquistar um solteiro disposto a se casar. Ela se imaginou escapulindo da casa e voltando à cena de seu crime devastador.

Ganhando uma fortuna para sua família e o mundo todo para si.

Querendo mais do que ela podia ter.

Se Felicity não fosse ela mesma, conseguiria fazer isso. Ela poderia encontrar o duque e seduzi-lo. Ela poderia deixá-lo de joelhos. Se fosse linda, inteligente e carismática. Se estivesse no centro e não na periferia do mundo. Se estivesse dentro da festa, e não espiando pelo buraco da fechadura.

Se ela pudesse inspirar paixão – do tipo que tinha visto consumir um homem, como mágica. Como fogo. Como chama.

Seu estômago deu uma cambalhota com o pensamento, com a fantasia que o acompanhou. Com o prazer da ideia – algo que ela nunca se permitiu imaginar. Um duque desesperado por ela.

Um casamento que faça história.

– Se pelo menos eu fosse uma chama – ela falou para o dossel acima. – Isso resolveria tudo.

Mas era impossível. E ela imaginou um tipo diferente de chama, destruindo Mayfair, incinerando seu futuro e o de sua família.

Ela imaginou os nomes.

Felicity Fuxiqueira.

Felicity Falsa.

– Pelo amor de Deus, Felicity – ela sussurrou.

Ela ficou deitada ali, sentindo medo e vergonha, por um longo tempo, refletindo sobre seu futuro, até suas pálpebras ficarem pesadas, e ela cogitar dormir de vestido em vez de chamar uma criada para ajudá-la a se despir. Mas o traje era pesado e apertado, e o espartilho já estava tornando difícil respirar.

Com um gemido ela se sentou, acendeu a vela na mesinha de cabeceira e foi puxar o cordão da campainha para chamar a criada. Antes que pudesse alcançá-lo, contudo, uma voz soou na escuridão.

– Você não deveria contar mentiras, Felicity Faircloth.

Capítulo Cinco



Felicity deu um pulo e soltou um gritinho ao ouvi-lo, virando-se para a parede mais distante do quarto, envolta pela escuridão, onde nada parecia fora do lugar.

Levantando sua vela, ela perscrutou os cantos, e a luz enfim tocou um par de botas pretas perfeitamente lustrosas, cruzadas nos tornozelos, a brilhante ponta de prata de uma bengala apoiada no bico de uma delas.

Era ele.

Ali. No quarto dela. Como se fosse algo normal.

Nada nesta noite estava sendo normal.

O coração dela começou a bater mais forte, ainda com mais vigor do que antes naquela noite, e Felicity recuou em direção à porta.

– Acredito que se enganou de casa, meu senhor.

As botas não se mexeram.

– Estou na casa certa.

Ela arregalou os olhos.

– Com certeza você se enganou de quarto.

– Estou no quarto certo também.

– Este é o meu quarto.

– Eu não poderia bater na porta da sua casa no meio da noite e pedir para falar com você, poderia? Os vizinhos ficariam escandalizados. Imagine em que situação isso a deixaria.

Ela evitou observar que os vizinhos ficariam escandalizados de qualquer modo, pela manhã, quando toda Londres soubesse de sua mentira. Ele ouviu seu pensamento.

– Por que você mentiu? – ele perguntou.

Ela ignorou a pergunta.

– Não converso com estranhos no meu quarto.

– Mas não somos estranhos, querida. – A ponta prateada da bengala começou a bater na bota num ritmo lento e uniforme.

Ela retorceu os lábios.

– Não tenho tempo para pessoas sem importância.

Embora ele continuasse no escuro, Felicity imaginou tê-lo ouvido sorrir.

– E esta noite você mostrou a eles, não é, Felicity Faircloth?

– Não fui eu quem mentiu. – Ela apertou os olhos para a escuridão. – Você sabia quem eu era.

– Você é a única cuja mentira foi grande o bastante para destruir esta casa.

Ela fez uma careta de escárnio.

– Você me encurralou, meu senhor. Com que objetivo? Amedrontar?

– Não. Não desejo amedrontá-la. – A voz do homem era pesada como a escuridão que o envolvia. Grave, baixa e, de algum modo, mais clara que um tiro de pistola.

O coração de Felicity batia forte.

– Acho que é exatamente isso que você deseja fazer. – A ponta prateada bateu de novo, e ela voltou o olhar irritado para a peça. – E acho que deveria ir embora antes que eu decida sentir medo, em vez de raiva.

Pausa. Bate, bate.

E então ele se moveu, inclinando-se na direção do círculo de luz, de modo que ela pôde ver suas pernas compridas, a cartola preta sobre uma coxa. As mãos sem luvas com três anéis de prata brilhando sob a luz da vela no polegar, no indicador e no anelar da direita, abaixo da manga preta do sobretudo, que caía com perfeição em seus braços e ombros. O círculo de luz terminava em seu maxilar definido e bem barbeado. Ela levantou mais uma vez a vela e lá estava ele.

Ela inspirou profundamente, lembrando com vergonha de ter pensado antes que o Duque de Marwick era bonito.

Não mais.

Pois com certeza nenhum homem sobre a Terra podia ser tão bonito quanto este. Era notável como a aparência combinava com a voz. Como um trovão baixo, líquido. Como tentação. *Como um pecado.*

Um lado do rosto continuava na sombra, mas o outro, que ela podia ver... era magnífico. Um rosto longo, magro, cheio de ângulos agudos e depressões definidas, sobrancelhas aladas e lábios carnudos, olhos que brilhavam com segredos que, ela podia apostar, ele nunca compartilhava, e um nariz que fazia inveja à família real, perfeitamente reto, como se tivesse sido esculpido com uma lâmina afiada e precisa.

O cabelo era escuro e aparado rente à cabeça, curto o bastante para revelar o crânio redondo.

– Sua cabeça é perfeita – ela disse.

Ele sorriu.

– Sempre achei isso também.

Felicity baixou a vela, devolvendo-o à escuridão.

– Quero dizer que o formato é perfeito. Como você corta o cabelo tão rente ao couro cabeludo?

Ele hesitou antes de responder.

– Uma mulher em que confio.

Felicity arqueou as sobrancelhas diante da resposta inesperada.

– Ela sabe que você está aqui?

– Não.

– Bem, como ela segura uma lâmina perto da sua cabeça com frequência, é melhor você ir embora antes que ela fique brava.

Um troar baixo ecoou como resposta, e ela prendeu a respiração. Era uma risada?

– Não vou embora antes de você me dizer por que mentiu.

Felicity meneou a cabeça.

– Como eu disse, meu senhor, não tenho o hábito de conversar com estranhos. Por favor, vá embora. Saia por onde veio. – Ela fez uma pausa. – Como você entrou?

– Você tem uma sacada, Julieta.

– Também tenho um quarto no terceiro andar, *não Romeu.*

– E uma treliça resistente. – Ela percebeu o divertimento preguiçoso nas palavras dele.

– Você escalou a treliça.

– Escalei, sim.

Ela sempre imaginou alguém escalando aquela treliça. Mas não um criminoso vindo para... O que ele queria ali?

– Então imagino que a bengala não seja para ajudá-lo a andar.

– Não é para esse tipo de ajuda.

– É uma arma?

– Tudo pode se tornar uma arma quando você precisa de uma.

– Excelente conselho, pois parece que tenho um invasor.

Ele fez um som de repreensão.

– Um invasor amigável.

– Ah, sim – ela debochou. – Amigável é a primeira palavra que eu usaria para descrever você.

– Se eu estivesse aqui para sequestrar e carregar você para o meu covil, a esta altura eu já teria feito isso.

– Você tem um covil?

– Na verdade, eu tenho. Mas não pretendo levar você para lá. Não esta noite.

Ela estaria mentindo se dissesse que a última frase não foi estimulante.

– Ah, isso vai garantir que eu durma em paz no futuro – ela disse.

Ele riu, baixo e suave, como a luz do quarto.

– Felicity Faircloth, você não é o que eu esperava.

– Você diz isso como se fosse um elogio.

– E é.

– Vai continuar sendo quando eu o acertar no meio da cabeça com este castiçal?

– Você não vai me machucar – ele disse.

Felicity não gostou da facilidade com que ele pareceu perceber que sua bravata não passaria disso.

– Você parece muito seguro de si mesmo para alguém que não me conhece.

– Eu a conheço, Felicity Faircloth. Eu a conheci no momento em que a vi naquele terraço do lado de fora da estufa trancada de Marwick. A única coisa que eu não consegui saber foi a cor do seu vestido.

Ela baixou os olhos para o vestido, fora de moda e da cor de suas bochechas.

– É rosa.

– Não é só rosa – ele disse, a voz sombria com uma promessa e algo mais de que ela não gostou. – É da cor do céu de Devon na alvorada.

Ela se incomodou com o modo como as palavras a agitaram, como se algum dia ela pudesse ver aquele céu e pensar neste homem e neste momento. Como se ele pudesse deixar uma marca que ela não conseguiria apagar.

– Responda à minha pergunta, e eu vou embora.

Por que você mentiu?

– Eu não lembro.

– Lembra, sim. Por que você mentiu para aquele bando de infelizes? – A descrição foi tão ridícula que ela quase riu. Quase. Mas ele não parecia estar achando graça.

– Eles não são tão infelizes.

– São aristocratas mimados, pomposos, com a cabeça enfiada tão fundo no rabo um do outro que não têm ideia de que o mundo está mudando rapidamente, e que outros logo vão tomar o lugar deles.

Ela ficou boquiaberta.

– Mas você, Felicity Faircloth... – Ele bateu a bengala duas vezes na bota. – Ninguém vai tomar seu lugar. Então vou perguntar mais uma vez. Por que você mentiu para eles?

Se foi o choque daquela descrição, ou o modo tranquilo como ele os descreveu, o homem convenceu Felicity a responder.

– Ninguém deseja estar no meu lugar. – Ele não falou, e ela preencheu o silêncio. – Com isso eu quero dizer que... meu lugar é nada. Nenhum lugar. Já foi com eles, mas então... – Ela foi parando de falar. Deu de ombros. – Eu sou invisível. – E então, porque não conseguiu se segurar, ela acrescentou, em voz baixa: – Eu queria puni-los. E queria que me quisessem de volta.

Ela odiou a verdade nessas palavras. Felicity não deveria ser forte o bastante para dar as costas para eles? Ela não deveria se importar menos com eles? Ela odiou a fraqueza que expôs.

E ela o odiou por fazê-la expor isso.

Felicity esperou que ele respondesse no escuro e, estranhamente, lembrou-se da vez em que visitou a Real Sociedade Entomológica e viu uma enorme borboleta aprisionada em âmbar. Linda e delicada, preservada com perfeição, mas congelada no tempo, para sempre.

Este homem não iria capturá-la. Hoje não.

– Acho que vou chamar um criado para vir e retirá-lo. Você deve saber que meu pai é um marquês, e é ilegal entrar na casa de um aristocrata sem permissão.

– É ilegal entrar na casa de qualquer um sem permissão, Felicity Faircloth, mas você gostaria que eu dissesse que estou devidamente impressionado com o título do seu pai e do seu irmão?

– Por que eu devo ser a única a mentir esta noite?

Uma pausa.

– Então você admite? – ele insistiu.

– É melhor eu admitir; toda Londres estará sabendo amanhã. Felicity Fugidia com seu lindo noivo.

A tentativa de graça não o divertiu.

– Sabe, o título do seu pai é ridículo. O do seu irmão também.

– Perdão? – ela disse, na falta de outra coisa.

– Bumble e Grout. Meu Deus. Quando a pobreza enfim os abraçar, eles podem se tornar boticários, vendendo tinturas e tônicos para os desesperados em Lambeth.

Ele sabia que sua família estava pobre. Será que toda Londres sabia? Ela tinha sido a última a descobrir? A última para quem contaram, mesmo com a família pretendendo usá-la para reverter sua situação? A irritação veio quente com o pensamento. O estranho continuou.

– E você, Felicity Faircloth, com um nome que deveria figurar num livro de histórias.

Ela olhou enviesado para ele.

– Eu estava mesmo querendo saber sua opinião sobre nossos nomes.

Ele ignorou o comentário.

– Uma princesa dos contos de fadas, trancada na torre, desesperada para ser parte do mundo que a aprisionou... para ser aceita por ele.

Tudo naquele homem era perturbador, estranho e vagamente irritante.

– Eu não gosto de você.

– Não. Você não gosta é da verdade, minha pequena mentirosa. Você não gosta que eu veja que o seu desejo tolo é uma amizade falsa com uma turma de aristocratas perfumados e pretensiosos que não conseguem ver o que você de fato é.

Ela deveria estar muito incomodada com ele em seu quarto, tão perto e no escuro. Ainda assim...

– E o que eu sou?

– Muito melhor do que aqueles seis.

A resposta provocou um arrepio de empolgação nela, e Felicity quase se permitiu ser atraída por aquele homem, que parecia ser feito de magia e champanhe. Mas ela meneou a cabeça e fez sua melhor expressão de desdém.

– Se eu *fosse* essa princesa, meu senhor, você não estaria aqui. – Ela foi até a parede, de novo disposta a puxar o cordão da campainha.

– Não é essa a parte de que todos gostam? A parte em que a princesa é resgatada da torre?

Ela olhou para ele por cima do ombro.

– Um príncipe é que deveria fazer o resgate. Não... seja lá o que você é.

– Ela pegou o cordão.

Ele falou antes que ela o puxasse.

– Quem é a mariposa?

Felicity se voltou para ele, o constrangimento crescendo.

– O quê?

– Você queria ser a chama, princesa. Quem é a mariposa?

As bochechas dela arderam. Ela não tinha dito nada sobre mariposas. Como ele podia saber o que ela quis dizer?

– Você não devia ficar de ouvido no que os outros falam.

– Eu também não deveria estar sentado no escuro do seu quarto, querida, mas aqui estou eu.

Ela apertou os olhos.

– Estou percebendo que você não é o tipo de homem que se importa com regras.

– Você já me viu importar com alguma coisa em nosso longo relacionamento?

A irritação aumentou.

– Quem é você? Por que estava à espreita no terraço da Casa Marwick como se fosse algum nefasto... espreitador?

Ele continuou sem se alterar.

– Então eu sou um espreitador à espreita?

Esse homem, assim como toda Londres, parecia saber mais do que ela. Ele parecia conhecer o campo de batalha e tinha habilidades para lutar a guerra. E ela odiou isso. Ela lhe deu seu olhar mais mortífero. Não surtiu efeito.

– De novo, querida. Se você é a chama, quem é a mariposa?

– Com certeza não é o senhor.

– Que pena.

Ela também não gostou da insolência naquelas palavras.

– Eu me sinto bastante satisfeita com a minha escolha.

Ele soltou uma risadinha, um estrondo baixo que produziu coisas estranhas nela.

– Posso lhe dizer o que eu acho?

– Prefiro que não diga – ela estrilou.

– Eu acho que sua mariposa é muito difícil de atrair – ele disse, e ela abriu a boca, mas não falou. – E eu sei que posso consegui-la para você. – Ela prendeu a respiração, e ele continuou. – A mariposa cujas asas você afirmou, para metade da cidade, que já chamuscou.

Felicity ficou grata pela iluminação fraca do quarto, para que ele não pudesse ver seu rosto vermelho. Nem seu choque. Nem sua empolgação. Estaria aquele homem, que de algum modo tinha entrado em seu quarto no meio da noite, sugerindo que ela não tinha arruinado sua vida nem as chances de sobrevivência da família?

A esperança era uma coisa louca, aterrorizante.

– Você consegue atraí-lo?

Então ele riu. Baixo e sombrio e quase sem achar graça, provocando um arrepio desagradável nela.

– Como um gatinho com um pires de leite – ele respondeu.

Ela fez uma careta de escárnio.

– Você não deveria brincar com isso.

– Quando eu brincar com você, querida, vai saber. – Ele se recostou de novo, esticando as pernas, batendo de novo aquela bengala infernal na bota.

– O Duque de Marwick pode ser seu, Felicity Faircloth. Sem Londres nunca saber a verdade sobre a sua mentira.

– Isso é impossível – ela afirmou, a respiração curta. Ainda assim, de algum modo, Felicity acreditou nele.

– Alguma coisa é realmente impossível?

Ela forçou uma risada.

– Além de um duque solteiro me escolher em vez de qualquer outra mulher na Grã-Bretanha?

Bate, bate. Bate, bate.

– Até isso é possível, minha querida, sem graça, mordaz e rejeitada Felicity Faircloth. Esta é a parte do conto de fadas em que a princesa recebe tudo que sempre desejou.

Exceto que não se tratava de um conto. E esse homem não podia lhe dar o que ela desejava.

– Essa parte geralmente começa com algum tipo de fada. E você não se parece nada com uma.

A risada trovejante de novo.

– Nisso você está certa. Mas além das fadas existem criaturas com atividades semelhantes.

O coração dela voltou a acelerar, e Felicity odiou a louca esperança que a invadiu, de que aquele homem estranho no escuro pudesse cumprir sua promessa impossível.

Era loucura, mas ela avançou na direção dele, trazendo-o para a luz mais uma vez, aproximando-se cada vez mais, até chegar à extremidade das pernas impossíveis de tão compridas, da bengala impossível de tão longa, e levantou a vela para revelar mais uma vez o rosto impossível de tão lindo.

Dessa vez, contudo, ela pôde vê-lo por inteiro, e o perfeito lado esquerdo não combinava com o direito, onde uma cicatriz feia e grande o riscava da têmpora até o maxilar, enrugada e branca.

Quando ela inspirou fundo, ele tirou a cabeça da luz.

– Que pena. Eu estava ansioso para ver a descompostura que você parecia pronta para me passar. Não pensei que pudesse ser repelida com tanta facilidade.

– Ah, mas não fui repelida. Na verdade, sinto-me grata por você não ser o homem mais perfeito que eu já vi.

Ele voltou à luz, seu olhar escuro encontrando o dela.

– Grata?

– Com certeza. Eu nunca soube muito bem o que se faz com homens excessivamente perfeitos.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– O que se faz.

– Além do óbvio.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– O óbvio.

– Olhar para eles.

– Ah! – ele exclamou.

– De qualquer modo, agora me sinto mais à vontade.

– Porque não sou mais perfeito?

– Você continua muito perto de ser, mas já não é o homem mais bonito que vi na vida – ela mentiu.

– Sinto como se devesse me sentir ofendido, mas vou ignorar isso. Só por curiosidade, quem usurpou meu trono?

Ninguém. A cicatriz deixa você ainda mais atraente.

Mas aquele não era o tipo de homem para o qual se podia dizer *isso*.

– Tecnicamente, o trono já era dele antes de você aparecer. Ele apenas o retomou.

– Eu agradeceria um nome, Lady Felicity.

– Como você o chamou antes? Minha mariposa?

Ele ficou imóvel por um momento – não o bastante para que uma pessoa comum percebesse. Felicity percebeu.

– Eu imaginei que você soubesse – ela disse, o tom debochado. – Com sua oferta de conquistá-lo para mim.

– A oferta ainda está de pé, mas eu não acho o duque atraente. Nem um pouco.

– Não precisamos debater isso. O homem é empiricamente atraente.

– Hum – ele fez, não parecendo convencido. – Diga-me por que você mentiu.

– Diga-me por que você está tão disposto a me ajudar.

Ele sustentou o olhar dela por um longo momento.

– Você acreditaria que eu sou um bom samaritano?

– Não. Por que você estava espreitando o baile Marwick? O que ele é para você?

O homem levantou um ombro. Deixou-o cair.

– Diga-me por que você acha que ele não ficaria empolgado de saber que é seu noivo.

Ela fez uma careta.

– Primeiro, ele não faz ideia de quem eu seja.

Um lado da boca dele se torceu, e Felicity imaginou como seria receber o pleno impacto de seu sorriso.

Colocando esse pensamento louco de lado, ela continuou.

– E, como já disse, não tenho utilidade para homens excessivamente perfeitos.

– Não foi isso que você disse – respondeu ele. – Você disse que não sabia qual é a utilidade de homens excessivamente perfeitos.

Ela refletiu por um instante.

– As duas declarações são verdadeiras.

– Por que você pensa que não teria utilidade para Marwick?

Ela franziu a testa.

– Eu acredito que isso seja óbvio.

– Não é.

Ela resistiu responder, cruzando os braços como se para se proteger.

– É rude da sua parte perguntar.

– Também é rude da minha parte escalar a treliça e invadir o seu quarto.

– É mesmo. – Então, por alguma razão que ela nunca compreenderia por completo, Felicity respondeu à pergunta, deixando-se dominar pela frustração, preocupação e uma sensação muito real de catástrofe iminente.

– Por que sou a síntese do que é comum. Porque não sou linda, nem divertida, nem uma interlocutora brilhante. E, embora um dia tenha pensado ser impossível acreditar que eu pudesse me tornar uma solteirona, aqui estou eu, e ninguém jamais me quis de verdade. E não espero que isso mude agora com um duque atraente.

Ele permaneceu em silêncio por um longo momento, a vergonha dela borbulhando.

– Por favor, vá embora – ela pediu.

– Comigo você parece uma interlocutora muito brilhante.

Ela ignorou o fato de ele não discordar dela nos outros pontos.

– Você é um estranho nas sombras. Tudo é mais fácil no escuro.

– Nada é mais fácil no escuro – ele disse. – Mas isso é irrelevante. Você está errada, e é por isso que estou aqui.

– Para me convencer que sou boa de conversa.

Ele mostrou os dentes e se levantou, preenchendo o quarto com sua altura. Os nervos de Felicity zuniram quando ela admirou o formato dele, comprido e lindo, com os ombros largos e os quadris estreitos.

– Eu vim para lhe dar o que você quer, Felicity Faircloth.

O sussurro com a promessa percorreu as veias dela. Era medo que sentia? Ou algo diferente? Ela meneou a cabeça.

– Mas você não pode. Ninguém pode.

– Você quer a chama – ele disse em voz baixa.

Ela negou com a cabeça.

– Não quero.

– É claro que quer. Mas isso não é tudo que deseja, certo? – Ele se aproximou um passo, e ela pôde sentir seu cheiro, quente e fumacento, como se viesse de algum lugar proibido. – Você quer tudo. O mundo, um homem, o dinheiro, o poder. E algo mais, também. – Ele se aproximou ainda mais, ficando a centímetros dela, seu calor inundando-a, inebriante e tentador. – Algo mais. – As palavras tornaram-se um sussurro. – Algo secreto.

Ela hesitou, detestando que aquele estranho parecesse conhecê-la.

Detestando que ela quisesse responder. Detestando que respondeu.

– Mais do que eu posso ter.

– E quem lhe disse isso, milady? Quem lhe disse que você não pode ter tudo?

O olhar dela baixou para a mão dele, onde o castão de prata da bengala estava preso entre os dedos longos e fortes, onde o anel de prata no dedo indicador reluzia para ela. Felicity estudou o padrão do metal, tentando discernir o formato do castão. Depois do que pareceu uma eternidade, ela olhou para ele.

– Qual o seu nome?

– Devil.

O coração dela disparou com a palavra, que parecia completamente ridícula e perfeita.

– Esse não é seu nome verdadeiro.

– É estranho como nós colocamos tanto valor em nomes, não acha, Felicity Faircloth? Me chame do jeito que quiser, mas eu sou o homem que pode lhe dar tudo. Tudo que deseja.

Ela não acreditou nele. É óbvio. Nem por um segundo.

– Por que eu?

Então ele estendeu a mão para ela, e Felicity soube que deveria ter recuado. Ela soube que não deveria permitir que ele a tocasse, não quando os dedos dele desceram por sua face esquerda, deixando fogo em seu rastro, como se deixasse sua cicatriz nela, uma marca de sua presença. Mas o fogo de seu toque não tinha nada de doloroso. Principalmente quando ele respondeu:

– Por que não você?

Por que não ela? Por que ela não podia ter o que desejava? Por que ela não podia fazer um pacto com o diabo, que tinha aparecido do nada e logo iria embora?

– Eu queria não ter mentido – ela disse.

– Não posso mudar o passado. Apenas o futuro. Mas posso tornar verdadeira a sua promessa.

– Transformar palha em ouro?

– Ah, então estamos num conto de fadas, afinal.

Ele fazia tudo parecer tão fácil – tão possível, como se pudesse fazer um milagre, sem qualquer esforço.

Era loucura, claro. Ele não podia mudar o que ela tinha dito. A mentira que tinha contado, maior que todas as outras. Portas tinham se fechado à volta dela mais cedo naquela noite, negando-lhe qualquer caminho concebível. Interrompendo seu futuro. O futuro de sua família. Ela se lembrou da impotência de Arthur. Do desespero da mãe. Da sua própria resignação. Fechaduras que não conseguiria arrombar.

E agora, este homem... brandindo uma chave.

– Você pode tornar realidade.

A mão dele se virou, o calor da palma em sua face, no queixo... por um momento fugaz, ele *foi* um padrinho mágico. Ela ficou sob o poder dele.

– O noivado é fácil. Mas isso não é tudo que você deseja, é?

Como ele sabia?

O toque dele espalhou fogo pelo pescoço dela, os dedos beijaram a elevação do ombro.

– Conte-me tudo, Felicity Faircloth. O que mais a princesa na torre deseja? O mundo a seus pés, a família rica mais uma vez e...

As palavras foram sumindo, preenchendo o espaço até a resposta dela vir, de repente.

– Eu quero que ele seja a mariposa. – Ele tirou a mão de sua pele, e Felicity sentiu a perda. – Eu quero ser a chama.

Ele aquiesceu, seus lábios curvando-se como um pecado, seus olhos escuros e sem cor nas sombras, e ela imaginou se iria se sentir menos sob o poder dele se pudesse ver a cor de seus olhos.

– Você deseja atraí-lo para si.

Uma lembrança veio; um marido desesperado pela esposa. Um homem alucinado por sua amada. Uma paixão que não podia ser negada, tudo por uma mulher que detinha todo o poder.

– Sim.

– Tenha cuidado com a tentação, milady. É um plano perigoso.

– Você faz parecer como se tivesse passado por algo assim.

– É porque passei.

– Sua barbeira? – Seria essa mulher a esposa dele? Sua amante? Seu amor? Por que Felicity se importava?

– A paixão corta para os dois lados.

– Mas eu não preciso – ela disse, sentindo-se repentina, aguda e estranhamente à vontade com aquele homem que não conhecia. – Espero vir a amar meu marido, mas não preciso ser consumida por ele.

– Você quer a consumação.

Ela queria ser desejada. Além do racional. Felicity queria que ansiassem por ela.

– Você deseja que ele voe para sua chama.

Impossível.

– Quando se é ignorada pelas estrelas, você passa a imaginar se algum dia conseguirá brilhar forte – ela respondeu, ficando no mesmo instante com vergonha de suas palavras. Felicity deu-lhe as costas, quebrando o encanto. Ela pigarreou. – Não importa. Você não pode mudar o passado. Você não pode apagar minha mentira e torná-la verdade. Você não pode fazer com que ele me queira. Nem mesmo se fosse o diabo. É impossível.

– Pobre Felicity Faircloth, tão preocupada com o que é impossível.

– Foi uma *mentira* – ela disse. – Eu nem mesmo *conheço* o duque.

– E esta é a verdade... o Duque de Marwick não vai negar sua afirmação.

Impossível. Mesmo assim, uma pequena parte dela esperava que ele estivesse certo. Assim, ela poderia salvar a todos.

– Como?

– Magia do diabo. – Ele deu um sorriso sarcástico.

Felicity arqueou uma sobrancelha.

– Se puder fazer isso acontecer, meu senhor, terá feito por merecer seu nome bobo.

– A maioria das pessoas acha meu nome perturbador.

– Não sou a maioria das pessoas.

– Isso, Felicity Faircloth, é verdade.

Ela não gostou do calor que se espalhou por ela quando ouviu essas palavras e decidiu ignorá-lo.

– E você vai fazer isso por causa da bondade de seu coração? Perdoe-me se eu não acredito, *Devil*.

Ele inclinou a cabeça.

– É óbvio que não. Não existe nada de bom no meu coração. Quando estiver feito, e você o tiver conquistado, coração e mente, eu virei para cobrar meus honorários.

– Imagino que esta seja a parte em que você me diz que seus honorários serão meu filho primogênito?

Ele riu disso. Um riso baixo e secreto, como se ela tivesse dito algo mais divertido do que pretendia. E então:

– O que eu faria com um bebê chorão?

Ela retorceu os lábios.

– Eu não tenho nada para lhe dar.

Ele a observou por um longo momento.

– Você se subestima, Felicity Faircloth.

– Minha família não tem dinheiro para lhe dar – ela disse. – Você mesmo disse isso.

– Se sua família tivesse dinheiro, você não estaria nesta situação, estaria?

Ela escarneceu do comentário verdadeiro. Da impotência que surgiu com as palavras.

– Como você sabe?

– Que o Conde de Grout e o Marquês de Bumble perderam uma fortuna? Querida, toda Londres sabe disso. Até aqueles de nós que não são convidados para os bailes de Marwick.

– Eu não sabia.

– Não até que você precisasse saber.

– Nem assim – ela resmungou. – Eles me contaram apenas quando eu não pude fazer mais nada para ajudar.

Ele bateu a bengala duas vezes no chão.

– Estou aqui, não estou?

Ela estreitou os olhos.

– Por um preço.

– Tudo tem um preço, querida.

– Então deduzo que já saiba o seu.

– Eu sei, na verdade.

– Qual é?

Ele sorriu, a expressão maliciosa.

– Dizer para você iria tirar toda graça.

Uma comichão se espalhou por ela, começando pelos ombros e descendo a coluna, quente e estimulante. Aterrorizante e esperançosa. Qual o preço da segurança e do conforto da sua família? Qual o preço da reputação dela como esquisita, mas não uma mentirosa?

E qual o preço de um marido que não sabia do seu passado?

Por que não negociar com o diabo?

Uma resposta quis saltar dela, a promessa de algo perigoso. Ainda assim, a tentação a agitou. Mas primeiro, ela precisava ter garantia.

– Se eu aceitar...

Aquele sorriso de novo, como se ele fosse um gato com um canário.

– Se eu aceitar – ela repetiu, com uma expressão de desgosto –, ele não vai negar o noivado?

Devil inclinou a cabeça.

– Ninguém jamais vai saber da sua invenção, Felicity.

– E ele vai me querer?

– Como o ar que respira – ele disse, as palavras soando como uma linda promessa.

Não era possível. O homem não era o diabo. E mesmo que fosse, nem Deus podia apagar os eventos da noite e fazer o Duque de Marwick se casar

com ela.

Mas e se ele pudesse?

Uma negociação vale para os dois lados, e aquele homem parecia mais divertido que a maioria.

Talvez na perda da paixão impossível que ele lhe prometia, ela pudesse ganhar outra coisa. Ela o encarou.

– E se você não conseguir? Eu recebo um favor em troca?

Ele refletiu um instante antes de falar.

– Tem certeza de que deseja um favor do diabo?

– Acho que seria um favor bem mais útil do que vindo de alguém que é perfeitamente bom o tempo todo – ela observou.

Achando graça, ele arqueou a sobrancelha acima da cicatriz.

– Faz sentido. Se eu fracassar, você pode me pedir um favor.

Ela assentiu e estendeu a mão para um aperto formal, do qual se arrependeu no momento em que a manzorra dele se fechou sobre a dela. Era quente e áspera na palma, de um modo que sugeria trabalho muito distante do que cavalheiros de berço executavam.

Foi delicioso, e ela o soltou no mesmo instante.

– Você não devia ter concordado – ele comentou.

– Por que não?

– Porque nada de bom pode resultar de acordos feitos no escuro. – Ele pôs a mão no bolso e extraiu um cartão de visita. – Vejo você daqui a duas noites, a menos que precise de mim antes. – Ele deixou o cartão sobre a mesinha ao lado da cadeira que Felicity julgou ser dele pelo resto de sua vida.

– Tranque a porta quando eu sair. Você não quer que alguma figura nefasta entre enquanto você dorme.

– Fechaduras não impediram que a primeira figura nefasta entrasse no meu quarto esta noite.

Um lado da boca dele se levantou.

– Você não é a única em Londres que sabe arrombar fechaduras, querida.

Ela corou quando ele tocou a cartola e saiu pelas portas da sacada antes que Felicity pudesse negar. O castão de prata da bengala brilhou sob o luar.

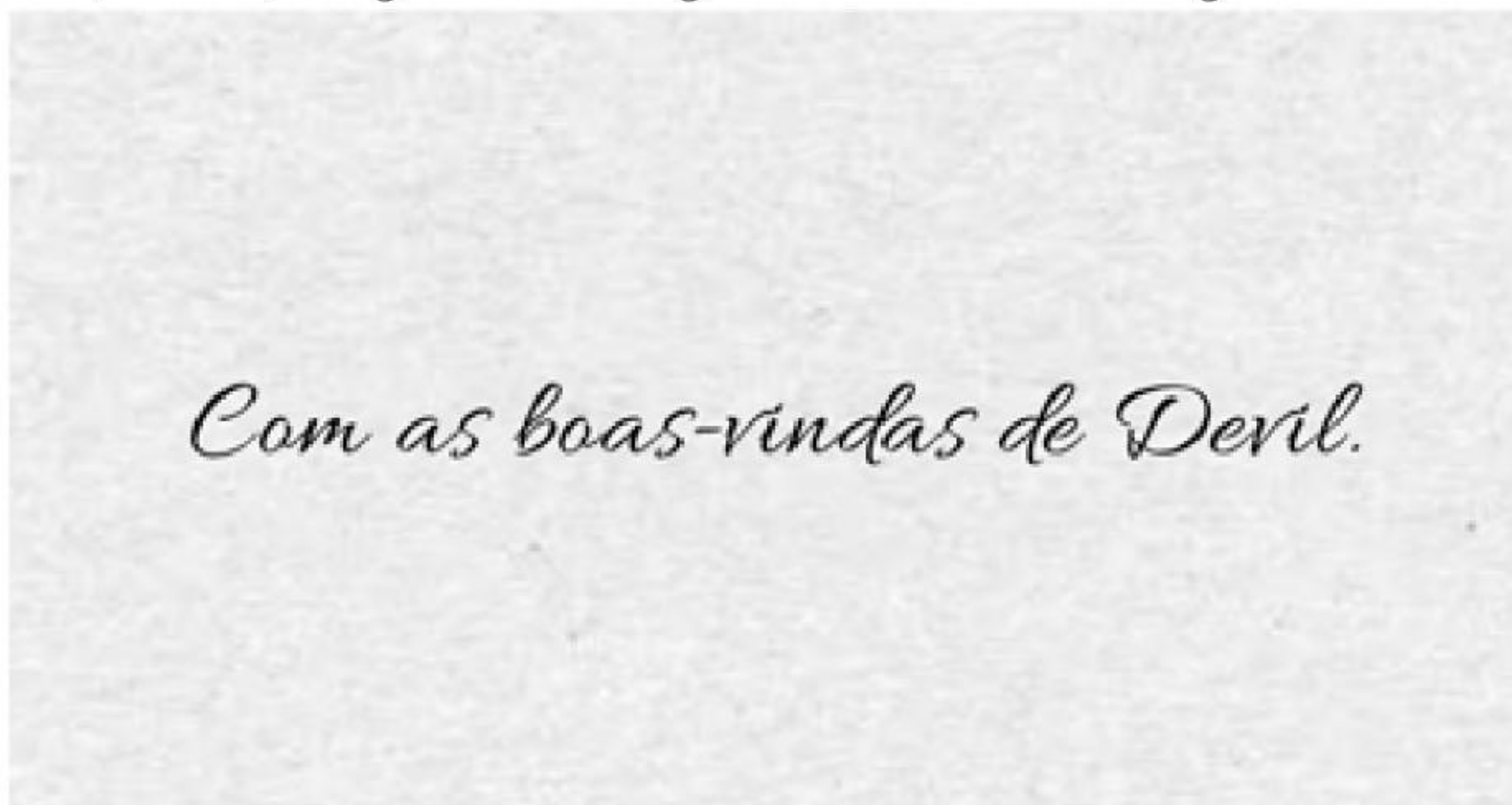
Quando ela chegou ao parapeito, ele já tinha sumido, capturado pela noite.

Ela voltou para dentro e trancou a porta, seu olhar caindo no cartão de visita.

Pegando-o, ela estudou a elaborada insígnia:



O verso trazia um endereço – uma rua da qual ela nunca tinha ouvido falar – e, abaixo, a seguinte mensagem com a mesma caligrafia masculina:



Capítulo Seis



Duas noites depois, conforme os últimos raios de sol desapareciam na escuridão, os Bastardos Impiedosos passavam pelas ruas sujas dos cantos mais distantes de Covent Garden, onde o bairro conhecido por seus teatros e tavernas dava lugar a um conhecido por crimes e crueldade.

Covent Garden era um labirinto de ruas estreitas e tortuosas, que se torciam e giravam sobre si mesmas até um visitante desavisado se ver aprisionado em sua teia de aranha. Uma única curva errada após sair do teatro podia fazer com que um dândi fosse roubado e jogado na sarjeta – ou coisa pior. As ruas que levavam ao coração do cortiço de Garden não eram gentis com os visitantes – principalmente cavalheiros respeitáveis vestindo trajes ainda mais respeitáveis –, mas Devil e Whit não eram respeitáveis nem cavalheiros, e todo mundo ali sabia que não era boa ideia contrariar os Bastardos Impiedosos, não importava se estivessem vestindo trajes refinados.

Além disso, os irmãos eram reverenciados no bairro, vindos eles próprios do cortiço, lutando e roubando e dormindo na sujeira com os melhores do bairro, e ninguém gosta mais de um rico do que um pobre com a mesma origem. Ajudava também que a maioria dos negócios dos Bastardos passasse por aquele cortiço em particular – onde homens fortes e mulheres inteligentes trabalhavam para eles, e garotos confiáveis e meninas espertas

ficavam de olho em qualquer coisa estranha, relatando o que descobriam em troca de uma bela coroa de ouro.

Ali, uma coroa podia alimentar uma família por um mês, e os Bastardos gastavam dinheiro na região como se fosse água, o que os tornava – bem como seus negócios – intocáveis.

– Sr. Beast. – Uma garotinha puxou a perna da calça de Whit, usando o nome que todos ali utilizavam para se referir a ele, exceto seus irmãos. – Aqui! Quando a gente vai ganhar gelado de limão de novo?

Whit parou e se agachou, a voz rouca pela falta de uso e carregada do sotaque de sua infância.

– Escute aqui, pirralha. A gente não fala de gelado nas ruas.

A garotinha arregalou os brilhantes olhos azuis.

Whit mexeu no cabelo dela.

– Você guarda os nossos segredos, e nós lhe arrumamos os doces de limão, não se preocupe. – Uma falha no sorriso da menina indicava que ela tinha perdido um dente havia pouco tempo. Whit a virou para o outro lado. – Vá procurar sua mãe. Diga a ela que eu vou pegar minha roupa lavada depois que terminar o serviço no armazém.

A garota saiu em disparada.

Os irmãos continuaram sua caminhada.

– Foi generoso da sua parte dar sua roupa para Mary lavar – disse o Devil.

Whit grunhiu.

O cortiço deles era um dos poucos em Londres que tinha água fresca comunitária – porque os Bastardos Impiedosos tinham cuidado disso. Eles também deram um jeito para que tivesse um médico, um padre e uma escola para que os pequenos pudessem aprender a ler e escrever antes de terem que ir às ruas encontrar trabalho. Mas os Bastardos não podiam dar tudo, e, de qualquer modo, os pobres que moravam ali eram orgulhosos demais para aceitar.

Assim os Bastardos empregavam tantos quanto podiam, muitos velhos e jovens, fortes e espertos, homens e mulheres de toda parte – londrinos, nortistas, escoceses, galeses, africanos, indianos, espanhóis e americanos. Se estivessem em Covent Garden e pudessem trabalhar, os Bastardos lhes arrumavam trabalho em um de seus numerosos negócios. Tavernas e

ringues de luta, açougues e confeitarias, curtumes e tinturarias, e meia dúzia de outros empreendimentos espalhados pelo bairro.

Não era apenas que Devil e Whit tinham crescido naquele lugar; o trabalho que eles ofereciam – em condições seguras, com salários decentes – conquistava a lealdade dos moradores do cortiço. Isso era algo que outros empresários nunca entendiam, achando que podiam arrumar empregados onde, a pouca distância, pessoas passavam fome. O armazém nos limites do bairro, agora operado pelos irmãos, tinha sido usado para produzir piche, mas foi abandonado havia muito tempo, quando a empresa que o construiu percebeu que os moradores da região não possuíam sentimento algum de lealdade para com a companhia e roubavam qualquer coisa deixada desprotegida.

Era diferente quando a empresa dava trabalho a duzentos homens locais. Entrando no edifício que agora servia de armazém central de vários negócios dos Bastardos, Devil acenou para meia dúzia de homens espalhados pelo interior escuro, guardando caixas de bebidas, doces, couro e lã – se era tributado pela Coroa, os Bastardos Impiedosos vendiam, e barato.

E ninguém roubava deles, por medo da punição prometida por seu nome – que eles conquistaram décadas atrás, quando eram mais leves e lutavam com mais força e rapidez do que provavelmente deviam para conquistar território e mostrar aos inimigos que não tinham misericórdia.

Devil foi cumprimentar o homem robusto que comandava o turno.

– Tudo certo, John?

– Tudo certo, senhor.

– O bebê já nasceu?

Dentes brancos brilharam com orgulho em contraste com a pele morena.

– Semana passada. Um garoto. Forte como o pai.

O sorriso de satisfação do pai recente era como a luz do sol no ambiente pouco iluminado, e Devil lhe deu um tapinha no ombro.

– Não tenho dúvida. E a sua esposa?

– Com saúde, graças a Deus. Ela é boa demais para mim.

Devil anuiu e baixou a voz.

– Todas elas são, meu caro. Melhores do que todos nós juntos.

Ele se virou do som da risada de John para ver Whit, agora junto ao Nik, capataz do armazém, uma jovem – mal tinha feito 20 anos – com uma cabeça para organização que Devil nunca tinha encontrado igual. O sobretudo de Nik, o chapéu e as luvas cobriam a maior parte da pele dela, e a luz escassa escondia o seu resto, mas ela estendeu a mão para cumprimentar Devil quando ele se aproximou.

– Como estamos, Nik? – Devil perguntou.

A norueguesa de cabelos claros olhou ao redor e acenou para que fossem até um canto distante do armazém, onde um guarda abriu uma porta que levava ao subsolo, revelando um grande abismo escuro abaixo.

Devil sentiu um desconforto tênue e se virou para o irmão.

– Depois de você.

O sinal que Whit fez com a mão expressou mais do que palavras conseguiriam, mas ele se abaixou e pulou na escuridão sem hesitar.

Devil foi em seguida, estendendo a mão para aceitar uma lanterna apagada oferecida por Nik, que foi atrás deles, voltando-se para o guarda.

– Feche – ela ordenou.

O guarda fez o que ela mandou sem pestanejar, e Devil pensou que o negrume do buraco cavernoso só encontrava rival no da morte. Ele se esforçou para manter a respiração normal. Para não lembrar.

– Merda – Whit grunhiu na escuridão. – Luz.

– Está com você, Devil – disse Nick com seu forte sotaque escandinavo.

Cristo. Ele tinha esquecido que estava segurando a lanterna. Ele se atrapalhou ao ligá-la, a escuridão e as suas emoções estavam incômodas, fazendo-o demorar mais que o habitual. Mas, enfim, ele usou a pederneira, e a luz veio, abençoada.

– Rápido, então. – Nick pegou a lanterna dele e foi na frente. – Nós não queremos produzir mais calor do que o necessário.

O vestíbulo escuro como a noite dava em um corredor longo e estreito. Devil seguiu Nik, e, na metade do caminho, o ar começou a ficar gelado.

– Chapéus e casacos, por favor – ela disse, virando-se para eles.

Devil fechou o sobretudo, abotoando-o por completo, e Whit fez o mesmo, puxando o chapéu sobre a testa.

No fim do corredor, Nik pegou uma argola com chaves de ferro e começou a abrir a longa fila de cadeados da pesada porta de metal. Quando todos estavam abertos, ela abriu a porta e começou a trabalhar num

segundo conjunto de cadeados – doze no total. Ela se virou antes de abrir a porta.

– Temos que ser rápidos. Quanto mais deixarmos a porta...

Whit a interrompeu com um grunhido.

– O que meu irmão quer dizer – Devil disse – é que carregamos esse depósito há mais tempo do que você existe, Annika. – Ela estreitou os olhos sob a luz da lanterna ao ouvir seu nome completo, mas abriu a porta. – Entrem, então.

Depois que entraram, Nik fechou a porta, e eles ficaram no escuro de novo, até ela se virar e levantar a luz, revelando o grande salão cavernoso, cheio de blocos de gelo.

– Quanto restou?

– Cem toneladas.

Devil soltou um assobio baixo.

– Nós perdemos trinta e cinco por cento?

– Estamos em maio – Nik explicou, tirando o cachecol de lã da parte de baixo do rosto para que pudessem escutá-la. – O oceano esquenta.

– E o resto da carga?

– Conferi tudo. – Ela tirou um conhecimento de embarque do bolso. – Sessenta e oito barris de conhaque, quarenta e três tonéis de *bourbon* americano, vinte e quatro caixas de seda, vinte e quatro caixas de baralhos, dezesseis caixas de dados. E também uma caixa de pó facial e três de perucas francesas, que não estavam no conhecimento e que vou ignorar, a não ser para deduzir que você quer que eu as entregue no local de sempre.

– Isso mesmo – Devil disse. – Nenhum estrago em razão do derretimento?

– Nenhum. Estava tudo bem empacotado do outro lado.

Whit grunhiu sua aprovação.

– Obrigado, Nik – disse Devil.

Ela não tentou disfarçar o sorriso.

– Noruegueses gostam de noruegueses. – Ela fez uma pausa. – Só tem uma coisa. – Dois pares de olhos sombrios a encararam. – Tinha alguém de olho nas docas.

Os irmãos se entreolharam. Embora ninguém ousasse roubar dos Bastardos no cortiço, carroças dos irmãos tinham sido atacadas duas vezes nos últimos dois meses, roubadas por bandidos armados, após deixarem a